

# ASSASSIN'S CREED™

IRMANDADE

OLIVER BOWDEN

*Tradução de João Felix*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina



## PRÓLOGO

Os acontecimentos dos extraordinários últimos quinze minutos — que, por terem parecido tão longos, podiam muito bem ter sido quinze horas, ou mesmo dias — passaram pela cabeça de Ezio mais uma vez enquanto ele cambaleava, com o seu cérebro a rodopiar, de dentro da cripta por baixo da Capela Sistina.

Lembrou-se, embora parecesse mais um sonho, que nas profundezas da cripta tinha visto um enorme sarcófago, feito no que parecia ser granito. À medida que se tinha aproximado, este começara a brilhar, mas com uma luz convidativa.

Tocou no tampo e este abriu-se, como se fosse leve como uma pena. De dentro, brilhava uma luz quente e amarela. Por entre o brilho levantara-se uma figura, cujas formas Ezio não conseguia distinguir, embora soubesse que estava a olhar para uma mulher. Uma mulher de estatura anormal que envergava um capacete e, pousada sobre o seu ombro direito, tinha uma coruja acastanhada.

A luz que a rodeava cegara-o.

— Sê bem-vindo, Profeta — disse ela, chamando-o pelo nome que lhe tinha sido misteriosamente atribuído. — Há dez mil estações que espero por ti.

Ezio não se atreveu a olhar para cima.

— Mostra-me a Maçã.

Humildemente, Ezio ofereceu-a.

— Ah — a sua mão acariciava o ar sobre a Maçã, mas ela não lhe tocava. A Maçã brilhava e pulsava. Os seus olhos penetravam nos de Ezio. — Devemos falar. — ela baixou a cabeça, como se a considerar algo, e Ezio, ao levantar a sua cabeça, julgara ter visto um princípio de sorriso na sua face iluminada.

— Quem sois vós?

— Oh, eu tenho muitos nomes. Quando eu ... morri, era Minerva.

Ezio reconheceu o nome.

— Deusa da Sabedoria! A coruja no vosso ombro. O capacete. Claro!  
— fez uma vénia com a cabeça.

— Agora já não existimos. Os deuses que os teus antepassados veneravam. Juno, a rainha dos deuses e o meu pai, Júpiter, o seu rei que me trouxe à vida através da sua testa. Eu era a filha, não do seu ventre, mas do seu cérebro!

Ezio estava vidrado. Olhou para as estátuas que se encontravam pelas paredes. Vénus. Mercúrio. Vulcano. Marte...

Havia um barulho que parecia vidro a partir-se à distância, ou o som que uma estrela cadente talvez fizesse — era o seu riso.

— Não, não éramos deuses. Apenas viemos antes. Mesmo quando andávamos pelo mundo, a humanidade tinha dificuldade em entender a nossa existência. Nós apenas éramos mais avançados no tempo — ela parou. — Mas, embora vocês possam não nos compreender, devem tomar atenção ao nosso aviso.

— Eu não entendo.

— Não tenhas medo. Eu quero falar contigo mas também *através* de ti. Tu és o Escolhido para o teu tempo. O *Profeta*.

Ezio sentiu um calor maternal a abraçar todo o seu cansaço.

Minerva levantou os braços e o tecto da cripta transformou-se no firmamento. A sua face resplandecente apresentava uma expressão de incalculável tristeza.

— Ouve e vê.

Ezio mal conseguia suportar a memória: ele tinha visto toda a terra e os céus à sua volta até à Via Láctea, a galáxia, mas a sua mente mal conseguia compreender a sua visão. Viu um mundo — o seu mundo — destruído pelo Homem e uma planície varrida pelo vento. Mas depois viu pessoas — destruídas, efémeras, mas resolutas.

— Demos-vos o Éden — disse Minerva — mas transformou-se no Hades. O mundo ardeu até não restar nada a não ser cinza. Mas nós criámos-vos à nossa imagem e criámos-vos, não importa o que fizessem, independentemente da quantidade de mal canceroso que pudesse existir em vós, por opção, porque vos demos escolha, para sobreviver. E nós reconstruímos. Após a devastação, reconstruímos o mundo e tornou-se, passadas eras, no mundo que tu agora habitas. Lutámos para nos assegurarmos que uma tragédia assim nunca mais se iria repetir.

Ezio olhou novamente para o céu. Um horizonte. Ali estavam templos e formas, gravações em pedra como escrita, bibliotecas cheias de pergaminhos e navios e cidades e música e dança. Silhuetas e formas de civilizações antigas que ele não conhecia, mas reconhecia como o trabalho da sua espécie.

— Mas agora estamos a morrer — dizia Minerva. — E o tempo irá trabalhar contra nós... A verdade irá ser transformada em mito e lenda. Mas Ezio, profeta e líder, embora possuas a força física dum mero humano, a tua vontade assemelha-se à nossa e em ti serão preservadas as minhas palavras.

Ezio fitou-a hipnotizado.

— Deixa que as minhas palavras também tragam esperança — continuou Minerva —, mas deves ser veloz, já que o tempo se torna curto. Protege-te dos Bórgia. Protege-te contra a Cruz dos Templários.

A cripta escureceu. Minerva e Ezio estavam sozinhos, banhados por um brilho de luz quente que se dissipava.

— A minha espécie tem agora de abandonar este mundo. Mas a mensagem foi entregue. Agora cabe-te a ti. Nós já não podemos.

E, assim, houve escuridão e silêncio e a cripta tornou-se novamente numa mera cave, completamente vazia.

No entanto...

Ezio procurou a saída, olhando para o corpo definhado de Rodrigo Bórgia, o Espanhol, o Papa Alexandre VI, líder da facção dos Templários — ensanguentado na sua expressão de aparente agonia perante a morte. Ezio não conseguia agora administrar-lhe o seu último golpe. O homem parecia estar a morrer pela sua própria mão. Pelo seu aspecto, Rodrigo tinha tomado veneno, sem dúvida a mesma cantarella que tantas vezes tinha administrado a tantos dos seus inimigos. Bom, deixem-no encontrar o seu próprio caminho para o Inferno. Ezio não lhe daria a misericórdia de uma morte fácil.

Encontrou o caminho para fora da obscuridade da Capela Sistina para o sol. Assim que atingiu o pórtico, conseguiu ver os seus amigos e camaradas Assassinos, membros da Irmandade, ao lado dos quais tinha vivido tantas aventuras e sobrevivido a tantos perigos, a aguardar por ele.



## PARTE UM

Não se pode também chamar valor o matar os seus concidadãos, atraiçoar os amigos, não guardar a palavra dada, a piedade ou a religião; rasgos que podem fazer que se ganhe o império, mas não a glória.

Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*





Ezio ergueu-se por um momento, confuso e desorientado. Onde estava ele? Que lugar era este? À medida que ia recuperando lentamente os sentidos, viu que o seu tio Mário se destacou do grupo dos seus irmãos Assassinos e aproximou-se dele, tomando-o pelo braço.

— Ezio, estás bem?

— Hou... hou... houve uma luta — com o Papa, com Rodrigo Bórgia. Deixei-o a morrer.

Ezio estremeceu violentamente, não conseguia evitá-lo. Seria verdade? Minutos antes — embora parecesse que tinha sido há um século atrás — ele tinha estado envolvido numa luta de vida ou de morte com o homem que ele mais odiava e temia — o Líder dos Templários, a organização pérfida que estava decidida na destruição do mundo que Ezio e os seus companheiros na Irmandade dos Assassinos tanto batalharam para proteger.

Mas ele tinha-os vencido. Ele utilizara os enormes poderes do artefacto misterioso, a Maçã, o sagrado Pedaco do Éden a ele confiado pelos velhos deuses de modo a se assegurarem que o seu investimento na humanidade não se dissiparia em derramamento de sangue e perversão. E Ezio tinha emergido triunfante.

Ou não?

Que tinha ele dito? “Deixei-o a morrer?” E realmente Rodrigo Bórgia, o velho pérfido que rastejou até ao lugar de dirigente da Igreja e a governou como Papa tinha parecido estar a morrer. Ele tinha tomado veneno.

Mas agora, apoderava-se de Ezio uma horrível dúvida. Ao mostrar misericórdia, a misericórdia que estava no cerne do Credo dos Assassinos e que devia, sabia ele, ser concedida a todos menos àqueles cuja vida poderia pôr em perigo o resto da humanidade, teria ele, na verdade, sido *fraco*?

Se o foi, ele nunca permitiria que esta dúvida se notasse, nem mesmo para o seu tio Mário, líder da Irmandade. Endireitou os ombros. Tinha

deixado o velho a morrer pelas suas próprias mãos. Tinha-o deixado com tempo para rezar. Não o tinha apunhalado no peito para se assegurar disso.

Uma mão fria fechou-se sobre o seu coração ao mesmo tempo que uma voz nítida na sua mente dizia: *Devias tê-lo matado.*

Sacudiu-se para se livrar dos seus demónios tal como um cão se sacode da água após um banho. Mas, mesmo assim, os seus pensamentos permaneciam na experiência mística que teve dentro da estranha cripta por baixo da Capela Sistina no Vaticano em Roma; o edifício do qual ele acabara de emergir para a ofuscante e desconhecida luz do sol. Tudo à sua volta parecia estranhamente calmo e normal — os edifícios do Vaticano erguiam-se tal como sempre tinham estado, resplandecentes na luz brilhante. A memória do que tinha acabado de acontecer na cripta voltou-lhe em grandes ondas de lembranças a dominar a sua consciência. Tinha havido uma visão, um encontro com uma estranha deusa — pois não havia outra forma de descrever este ser — que ele agora sabia ser Minerva, a deusa Romana da Sabedoria. Ela tinha-lhe mostrado tanto o passado distante como o futuro longínquo ao ponto de o fazer detestar a responsabilidade que o conhecimento obtido impunha sobre si.

Com quem poderia ele partilhá-lo? Como poderia ele explicar *tudo* aquilo? Parecia tudo tão irreal.

Após a experiência — seria melhor chamar-lhe um incidente — a única coisa que ele sabia com certeza era que a luta ainda não tinha terminado. Talvez um dia chegasse a altura em que podia voltar para a sua cidade natal de Florença e estar com os seus livros, beber com os seus amigos no Inverno e caçar com eles no Outono, andar atrás das raparigas na Primavera e supervisionar as colheitas das suas propriedades no Verão.

Mas essa altura não era agora.

No seu coração sabia que os Templários e todo o mal que eles representavam ainda não tinham acabado. No meio deles, ele tinha sido atirado contra um monstro com mais cabeças que as da Hidra e, tal como com essa besta, tinha sido necessário um homem semelhante a Hércules para a dilacerar, tudo menos imortal.

— Ezio!

A voz do seu tio era dura, mas serviu para o libertar da meditação que se tinha apoderado dele. Tinha que se controlar e pensar com clareza.

Havia um fogo a incendiar-se dentro da cabeça de Ezio. Disse o seu nome para si mesmo como que para se tranquilizar: Eu sou Ezio Auditore da Firenze. Forte, um mestre nas tradições dos Assassinos.

Olhou mais uma vez para o chão: Não sabia se tinha estado a sonhar ou não. Os ensinamentos e as revelações da estranha deusa na cripta tinham abalado as suas crenças e suposições até ao seu íntimo. Era como se o

próprio tempo tivesse sido virado do avesso. Ao sair da Capela Sistina, onde tinha deixado o vil Papa, Alexandre VI *aparentemente* a morrer, semicerrou os olhos de novo devido à luz dura do sol. Os seus irmãos Assassinos juntaram-se à sua volta, com expressões sérias e com uma determinação pesarosa.

Aquele pensamento continuava a persegui-lo: *devia ele ter matado Rodrigo — devia ter-se certificado?* Tinha escolhido não o fazer — e o homem tinha parecido decidido em acabar com a sua própria vida, acabando por falhar no seu último desígnio.

Mas aquela voz nítida continuava a fazer-se ouvir na mente de Ezio.

E havia mais: uma força espantosa parecia atraí-lo de volta à capela — ele sentia que tinha ficado algo por fazer.

Não era Rodrigo. Não era *apenas* Rodrigo. Embora ele fosse agora acabar com ele. *Outra* coisa.

— O que se passa? — perguntou Mário.

— Tenho de regressar — disse Ezio, apercebendo-se de novo, e com um aperto no estômago, que o jogo *não* tinha terminado e que a Maçã ainda não podia sair das suas mãos. Assim que teve este pensamento, foi tomado por uma sensação avassaladora de urgência. Libertando-se do abraço protector do seu tio, Ezio apressou-se de volta para a escuridão. Mário, pedindo aos outros que ficassem onde estavam e montassem guarda, seguiu-o.

Ezio atingiu rapidamente o lugar onde tinha deixado Rodrigo Bórgia moribundo — mas o homem não estava lá! Uma capa papal em damasco ricamente ornamentado encontrava-se amontoada no chão, salpicada de sangue; mas o seu dono tinha desaparecido. Mais uma vez aquela mão, envolta numa luva de metal gélido, fechou-se sobre o coração de Ezio como que a esmagá-lo.

A porta escondida para a cripta estava, para todos os efeitos, fechada e era quase invisível mas, à medida que Ezio se aproximou do sítio onde ele se lembrava que ela tinha estado, esta abriu-se suavemente com o seu toque. Virou-se para o seu tio e ficou surpreendido de ver medo na cara de Mário.

— O que está lá dentro? — disse o homem mais velho, lutando para manter a voz calma.

— O Mistério — respondeu Ezio.

Deixando Mário à entrada, desceu pela passagem mal iluminada na esperança de não ter chegado demasiado tarde e que Minerva tivesse antevisto isto e, portanto, demonstrasse piedade. Certamente não teria sido concedido a Rodrigo acesso àquele local. Ainda assim, Ezio manteve pronta a sua Lâmina Oculta, a lâmina que o seu pai lhe tinha legado.

Dentro da cripta, as enormes figuras *humanas*, no entanto, ao mesmo tempo *super-humanas* — seriam estátuas? — erguiam-se com o Bastão nas mãos.

Era um dos pedaços do Éden.

Aparentemente, o Bastão estava soldado à figura que o segurava e, assim que Ezio tentou arrancá-lo, a figura pareceu brilhar e apertar as mãos, tal como as inscrições rúnicas nas paredes da cripta.

Ezio recordou-se que nenhuma mão humana deveria tocar na Maçã sem protecção. As figuras viraram-se então e afundaram-se pelo chão, deixando a cripta completamente vazia à excepção do grande sarcófago e as suas estátuas envolventes.

Ezio deu um passo atrás, olhando rapidamente à sua volta, hesitando antes de sair, sabia-o instintivamente, pela última vez daquele local. O que esperava ele? Teria ele esperança que Minerva se manifestasse mais uma vez para ele? Mas não lhe tinha ela dito tudo o que havia para saber? A Maçã tinha-lhe sido atribuída. Juntamente com a Maçã, os outros pedaços do Éden teriam garantido a Rodrigo a supremacia que ele tanto desejava e Ezio compreendeu pelos seus anos de experiência que um poder assim reunido era demasiado perigoso para as mãos do Homem.

— Estás bem? — a voz de Mário, ainda atipicamente nervosa, ecoou até ele.

— Está tudo bem — respondeu Ezio, à medida que encontrava o seu caminho de volta à luz com uma relutância curiosa.

Assim que voltou a encontrar o seu tio, Ezio mostrou-lhe a Maçã silenciosamente.

— E o Bastão?

Ezio abanou a cabeça.

— É melhor ficar nas mãos da Terra do que nas mãos do Homem — disse Mário, compreendendo de imediato. — Mas tu não precisas que eu te diga isso. Vamos, não nos devemos demorar.

— Qual é a pressa?

— A pressa é tudo. Pensas que Rodrigo vai descansar e deixar-nos sair calmamente daqui?

— Eu deixei-o a morrer.

— Não é exactamente o mesmo que tê-lo deixado bem morto, pois não? Vamos!

Dirigiram-se então para fora da cripta o mais rapidamente possível e um vento frio parecia segui-los à medida que saíam.

— Para onde foram os outros? — perguntou Ezio a Mário, com a cabeça ainda confusa das experiências recentes, à medida que chegavam à grande nave da Capela Sistina. Os Assassinos que se tinham reunido já não estavam lá.

— Eu disse-lhes para se irem embora. Paola voltou a Florença; Teodora e António a Veneza. Temos de nos manter protegidos por toda a Itália. Os Templários estão vencidos mas não estão destruídos. Eles irão reagrupar-se se a nossa Irmandade de Assassinos não for vigilante. Eternamente vigilante. O resto da nossa companhia seguiu em frente e irá esperar por nós no nosso quartel-general em Monteriggioni.

— Eles estavam a montar guarda.

— Pois estavam, mas sabiam quando o seu dever tinha acabado. Ezio, não há tempo a perder. Todos nós o sabemos — a cara de Mário era séria.

— Eu devia ter-me assegurado quanto a Rodrigo Bórgia.

— Ele magoou-te durante a luta?

— A minha armadura protegeu-me.

Mário bateu nas costas do sobrinho.

— Eu falei precipitadamente antes. Penso que fizeste bem em não matar desnecessariamente antes. Eu sempre aconselhei moderação. Julgaste-o como morto, pela sua própria mão. Quem sabe? Talvez ele estivesse a fingir — ou talvez ele não tenha conseguido tomar uma última dose de veneno. Seja como for, devemos lidar com a situação como ela é agora e não desperdiçar energias a pensar no que poderia ter sido. De qualquer forma, enviámos-te — um homem contra um exército inteiro de Templários. Tu fizeste mais do que a tua parte. E eu continuo a ser o teu velho tio e sempre me preocupei contigo. Temos trabalho a fazer, e a última coisa de que precisamos é de nos preocuparmos com os guardas dos Bórgia.

— Não irias acreditar nas coisas que vi, Tio.

— Devo ouvi-las, apenas para me certificar que sobrevivo. Escuta:

guardei alguns cavalos logo a seguir a São Pedro, fora da alçada do Vaticano. Assim que lá chegarmos, conseguiremos sair daqui em segurança.

— Os Bórgia irão tentar travar-nos, tenho a certeza.

Mário exibiu um sorriso amplo.

— Claro que sim — e *eu* tenho a certeza que os Bórgia irão chorar a perda de muitas vidas esta noite!

Na capela, Ezio e o seu tio foram surpreendidos pela presença de uns quantos sacerdotes que tinham regressado para concluir a missa interrompida pelo confronto de Ezio com o Papa quando ele e Rodrigo tinham combatido pelo controle dos Pedacos do Éden que tinham descoberto.

Os sacerdotes confrontaram-nos zangados, rodeando-os e gritando,

— *Che cosa fate 'qui?* — O que fazem aqui? — eles berravam, — Vocês violaram a santidade deste Local Sagrado! — e — *Assassini!* Deus irá castigar-vos pelos vossos crimes!

À medida que Mário e Ezio empurravam para passarem pelo meio da multidão irada, os sinos da catedral de São Pedro começaram a tocar a rebate.

— Vós condenais o que não entendeis — disse Ezio a um sacerdote que estava a tentar barrar o seu caminho. A flacidez do corpo do homem foi contra ele e ele empurrou-o o mais cuidadosamente possível.

— Temos de ir, Ezio — disse Mário com urgência —, *agora!*

— A voz dele é a voz do Diabo — bradou a voz de outro sacerdote.

E um outro disse:

— Afastem-se deles.

Ezio e Mário empurraram a multidão para passarem até chegarem ao enorme pátio de entrada da igreja. Ali viram-se confrontados por um mar de vestes vermelhas. Parecia estar reunido todo o colégio de cardeais, em confusão, mas ainda sob o domínio do Papa Alexandre VI, Rodrigo Bórgia, capitão da Associação dos Templários.

— Porque não combatemos contra carne e osso — entoavam os cardeais —, mas contra principados, contra poderes, contra os senhores da escuridão deste mundo, contra a malvadez nos altos cargos. Onde vás, leva contigo toda a armadura de Deus e o escudo da Fé, onde estiveres conseguirás extinguir todas as setas flamejantes dos malévolos.

— O que se passa com eles? Perguntou Ezio.

— Estão confusos. Procuram orientação — respondeu Mário num tom grave. — Vamos. Temos de fugir antes que os guardas dos Bórgia notem a nossa presença. Olhou para trás na direcção do Vaticano. A armadura brilhou com a luz do sol.

— Tarde demais. Eles vêm aí. Depressa!

### 3

O amontoado de vestimentas dos cardeais formava um mar de vermelho que se abria à medida que quatro guardas dos Bórgia os empurravam em perseguição de Ezio e Mário. O pânico apoderou-se da multidão à medida que os cardeais começaram a gritar de medo e sobressalto e Ezio e o seu tio encontraram-se rodeados por uma arena humana. Os cardeais, sem saberem para onde se virar, tinham, inadvertidamente, formado uma barreira; talvez a sua coragem tivesse sido subconscientemente aumentada pela chegada dos guardas armados, cujas armaduras de peito brilhavam na luz do sol. Os quatro soldados dos Bórgia tinham desembainhado as suas espadas e entrado dentro do círculo para confrontarem Ezio e Mário que, por sua vez, puxaram das suas lâminas,

— Larguem as vossas armas e rendam-se, Assassinos. Estão cercados e em desvantagem! — Gritou o soldado principal, dando um passo em frente.

Antes que conseguisse proferir mais uma palavra, Ezio tinha já saltado da sua posição, com a energia a voltar aos seus membros cansados. O guarda principal não teve tempo de reagir, por não estar à espera que o seu adversário fosse tão ousado face a uma desvantagem tão avassaladora. O braço da espada de Ezio circulou numa mancha, a lâmina assobiava à medida que cortava o ar. O guarda tentou em vão levantar a sua espada para a bloquear, mas o movimento de Ezio era simplesmente rápido demais. A espada do Assassino acertou no ponto escolhido com uma precisão única, atravessando o pescoço exposto do guarda, seguida por um jorro de sangue após o seu impacto. Os três guardas restantes mantiveram-se em pé sem se moverem, abismados com a velocidade do Assassino e patéticos face a um adversário tão hábil. Foi um atraso que acabou por provocar as suas mortes. A lâmina de Ezio mal tinha acabado de fazer o seu primeiro arco letal quando ele levantou a sua mão esquerda e o mecanismo da sua lâmina escondida fez um barulho ao mesmo tempo que o agulhão letal surgiu da sua

manga. Trepou o segundo guarda entre os olhos antes que este pudesse sequer mover um músculo em defesa.

Entretanto, Mário, sem ninguém reparar, tinha dado dois passos para o lado, fechando o ângulo de ataque aos dois guardas restantes cuja atenção continuava a estar completamente focada na demonstração de violência chocante que se desenrolava perante eles. Com mais dois passos, aproximou-se e empurrou a sua espada por entre a armadura do guarda mais próximo, fazendo a ponta subir violentamente para dentro do torso do homem. A cara do guarda contorceu-se numa agonia confusa. Faltava um homem. Este, com o horror nos olhos, virou-se como que para fugir — mas era tarde demais. A lâmina de Ezio atingiu o seu flanco direito à medida que a espada de Mário cortava a sua coxa. O homem caiu de joelhos com um grunhido e Mário pontapeou-o para o chão.

Os dois Assassinos olharam à sua volta — o sangue dos guardas espalhava-se pelo chão pavimentado, penetrando-se nas bainhas escarlate das vestimentas dos cardeais.

— Vamos embora antes que mais homens dos Bórgia cheguem até nós.

Empunharam as espadas contra os cardeais agora aterrorizados, que rapidamente fugiram dos Assassinos, deixando um caminho aberto que lhes permitiria sair do Vaticano. Ouviram o som de cavalos a aproximarem-se — mais soldados, sem dúvida — à medida que avançavam à força em direcção a sudoeste, correndo rapidamente de uma ponta a outra da praça, afastando-se do Vaticano em direcção ao Tibre. Os cavalos que Mário organizara para a sua fuga estavam amarrados logo à saída da Santa Sé. Mas primeiro tinham que se ocupar daqueles Guardas Papais que os tinham seguido a cavalo e que se estavam a aproximar rapidamente, com os cascos trovejantes a ecoar na calçada. Com os seus sabres, Ezio e Mário conseguiram afastar os espigões que os guardas empunhavam na sua direcção.

Mário atingiu um dos guardas no momento em que este estava prestes a apunhalar Ezio por trás com a sua lança.

— Nada mal para um velho — gritou Ezio em agradecimento.

— Espero que me pagues na mesma moeda — retorquiu o seu tio. — E nada de me chamar velho!

— Não me esqueci de tudo o que me ensinaste.

— Espero bem que não. Cuidado! — Ezio girou a tempo de cortar as pernas de um cavalo que galopava na sua direcção e cujo guarda que o montava empunhava uma clava com um ar perigoso.

— *Buona questa!* — gritou Mário. — Boa!

Ezio saltou para o lado, evitando mais dois dos seus perseguidores e conseguindo desmontá-los assim que passaram por ele, atirados para a



frente devido ao seu próprio impulso. Mário, mais pesado e mais velho, preferia manter-se na sua posição e atacar os seus inimigos antes de saltar para fora do seu alcance. Mas assim que conseguiram chegar à ponta da larga praça em frente da grande catedral de São Pedro, os dois Assassinos treparam rapidamente para a segurança dos telhados, escalando com tanta facilidade como lagartos as paredes das casas a desfazerem-se e saltando entre os telhados por sobre o vazio entre as ruas. Nem sempre era fácil e, a dado momento, Mário quase não conseguiu atravessar, com os dedos a agarrar os algerozes ao não conseguir alcançar o telhado. A ofegar bastante, Ezio voltou atrás conseguindo puxá-lo para cima ao mesmo tempo que as flechas de bestas disparadas pelos seus perseguidores voavam inutilmente à sua volta pelo céu.

Mas o seu caminho era largamente mais rápido que o dos guardas que, com armaduras mais pesadas e sem as capacidades dos Assassinos, tentavam em vão acompanhá-los correndo pelas ruas por debaixo deles até ficarem gradualmente para trás.

Mário e Ezio pararam ruidosamente num telhado sobre uma praça pequena na ponta de Trastevere. Dois cavalos castanhos, grandes e com um aspecto robusto estavam aparelhados e prontos à porta de uma estalagem de ar medíocre, com uma tabuleta gasta a indicar que se chamava “A Raposa Adormecida”. Um corcunda com um olhar esgazeado e um bigode farfalhado estava a tomar conta deles.

— Gianni! — sussurrou Mário.

O homem olhou para cima e, de imediato, desapertou as rédeas que os prendiam a uma gigantesca argola de ferro preso à parede da estalagem. Mário saltou logo do telhado, aterrando de cócoras e, de seguida, saltou para cima da sela do cavalo mais próximo e maior dos dois. O cavalo relinchou e raspou a terra com a pata em nervosa antecipação.

— Xiu, *Campione* — disse Mário ao animal e, olhando para cima onde Ezio ainda estava de pé no parapeito, vociferou:

— Anda! Do que estás à espera?

— Só um minuto, *Zio* — disse Ezio, virando-se para defrontar dois guardas dos Bórgia que tinham conseguido subir ao telhado e estavam agora em frente a ele com — para seu espanto — pistolas engatilhadas de uma espécie que era nova para ele. Onde teriam eles arranjado aquelas armas? No entanto, esta não era a altura para perguntas, por isso rodopiou pelo ar na sua direcção, soltando a sua Lâmina Oculta e esquartejando os dois directamente na jugular antes que tivessem a oportunidade de disparar.

— Impressionante — disse Mário, apertando as rédeas do seu cavalo impaciente. — Agora vamos andando! *Cosa diavolo aspetti?*

Ezio atirou-se do telhado para aterrar perto do segundo cavalo, que

estava a ser firmemente seguro pelo corcunda, ressaltou do chão e, no mesmo movimento, saltou para cima da sela do animal. Este andou para trás sobressaltado com o seu peso, mas Ezio controlou-o de imediato e deu uma volta com ele para seguir o seu tio que começou a cavalgar rapidamente em direcção ao Tibre. Ao mesmo tempo, Gianni desapareceu para dentro da estalagem e um destacamento de cavalaria Bórgia apareceu da esquina para dentro da praça. Apertando os calcanhares nos flancos do cavalo, Ezio apressou-se atrás do seu tio à medida que atravessavam as ruas degradadas de Roma numa velocidade estonteante em direcção ao rio sujo. Nas suas costas conseguiam ouvir os gritos dos guardas montados dos Bórgia a amaldiçoar a sua presa enquanto Mário e Ezio galopavam pelo labirinto de ruas antigas, afastando-se lentamente deles.

Ao chegarem à Ilha Tiberina, atravessaram o rio por uma ponte instável que tremia por debaixo dos cascos dos cavalos, mudaram de direcção de volta a norte para subirem pela rua principal acima que os levaria para fora da pequena cidade agora decrépita que, em tempos, tinha sido a capital do mundo civilizado. Não pararam até estarem nas profundezas do campo e se assegurarem que estavam fora do alcance dos seus perseguidores.

Perto do povoamento de Settebagni, debaixo da sombra de um gigantesco ulmeiro ao lado da estrada poeirenta que corria paralelamente ao rio, prenderam os cavalos e pararam para recuperar o fôlego.

— Esta foi demasiado à risca, Tio.

O homem mais velho encolheu os ombros e sorriu um pouco dolorosamente. De dentro de um alforge, Mário retirou um cantil em pele com vinho tinto e entregou-o ao sobrinho.

— Toma — disse, recuperando o fôlego lentamente. — Vai fazer-te bem.

Ezio bebeu, depois sorriu.

— Onde foste buscar isto?

— É o máximo que podem fazer na “Raposa Adormecida”, — disse Mário, sorrindo abertamente — Mas assim que chegarmos a Monteriggioni encontras melhor.

Ezio sorriu e passou o recipiente de volta ao tio mas, logo a seguir, ficou com um ar preocupado.

— O que se passa? — perguntou Mário num tom mais suave.

Lentamente, Ezio tirou a Maça de dentro da bolsa onde a tinha guardado.

— Isto. Que farei eu com isto?

Mário parecia sisudo.

— É uma responsabilidade pesada. Mas é algo que deves suportar sozinho.

— Como poderei eu fazê-lo?  
— O que diz o teu coração?  
— O meu coração diz-me para me livrar dela. Mas a minha cabeça...  
— Foi-te confiada... Pelos poderes que encontraste na cripta — disse Mário solenemente. — Não a teriam dado de volta aos mortais se não houvesse um fim pensado para ela.

— É demasiado perigosa. Se caísse nas mãos erradas de novo... Ezio olhou a conjecturar para o rio preguiçoso que corria ali perto. Mário observava-o ansiosamente.

Ezio pesou a Maçã na sua mão direita enluvada. Mas continuava a hesitar. Ele sabia que não podia atirar fora um tesouro tão grande, e as palavras do seu tio tinham-no convencido. Certamente que Minerva não teria permitido que ele trouxesse a Maçã sem nenhum motivo.

— A decisão deve ser só tua — disse Mário. — Mas se não estás contente de estar encarregue dela, dá-ma *a mim* para que eu a guarde. Podes pedi-la de volta mais tarde quando a tua cabeça estiver mais calma.

Ezio continuou a hesitar, mas então ambos ouviram o som de cascos a tropejar à distância e o ladrar de cães de caça.

— Esses sacanas não desistem com facilidade — disse Mário entre dentes cerrados. — Vamos, dá-ma.

Ezio suspirou, mas voltou a meter a Maçã na sua bolsa de couro e atirou-a para Mário, que a guardou rapidamente no seu alforje.

— E agora — disse Mário —, temos de saltar com estes cavalos para dentro do rio e fazê-los nadar para o outro lado. Isso vai fazer com que o raio dos cães percam o nosso faro e, mesmo que sejam suficientemente espertos a atravessarem o Tibre eles mesmos, iremos conseguir despistá-los no arvoredo daquele lado. Amanhã por esta hora já quero estar em Monteriggioni.

— Quanto pensas que teremos de cavalgar?

Mário apertou os calcanhares nos flancos da sua montada e o animal recuou, com espuma nos cantos da boca.

— Bastante — disse ele. — Porque de agora em diante não temos de lidar apenas com Rodrigo; o seu filho e filha estão com ele — César e Lucrécia.

— E eles são...?

— As pessoas mais perigosas que provavelmente alguma vez irás encontrar.

## 4

Era a tarde do dia seguinte quando a pequena vila amurada de Monteriggioni, dominada pela *rocca* de Mário, surgiu sobre o monte no horizonte. Eles tinham conseguido ser mais rápidos do que tinham previsto e abrandaram agora o passo dos cavalos para os poupar.

— ... e depois Minerva falou-me do sol — dizia Ezio. — Ela falou-me duma catástrofe que aconteceu há muito tempo atrás e anteviu uma outra que ainda está para acontecer...

— Mas é ainda num futuro distante, *vero*? — disse Mário. — Então não temos de nos preocupar com isso.

— *Si* — respondeu Ezio. — Gostava de saber quanto trabalho nos resta fazer — parou para reflectir. — Talvez termine em breve.

— E isso seria assim tão mau?

Ezio ia responder quando foi interrompido pelo som de uma explosão: fogo de canhões vindo da direcção da vila. Desembainhou a espada, levantando-se na sela para observar os baluartes.

— Não te preocupes — disse Mário numa gargalhada. — São apenas exercícios. Melhorámos o arsenal aqui e instalámos canhões novos ao longo das ameias. Temos sessões de treino diariamente.

— Desde que não estejam a apontar para nós.

— Não te preocupes — disse Mário de novo. — É verdade que os homens ainda precisam de treinar a pontaria, mas têm juízo suficiente para não dispararem contra o chefe!

Poucos momentos depois, estavam a entrar pelo portão principal da vila e subiam pela via principal que ia dar à cidadela. À medida que o faziam, juntavam-se multidões pela rua fora, olhando para Ezio com uma mistura de respeito, admiração e afecto.

— Bem-vindo de volta, Ezio! — bradou uma mulher.

— *Grazie, Maddonna* — sorriu Ezio de volta, inclinando ligeiramente a cabeça.

— Três vivas para Ezio! — gritou uma voz de criança.

— *Buongiorno, fratellino* — disse-lhe Ezio. Virando-se para Mário, acrescentou — É bom estar em casa.

— Penso que eles estão mais contentes de te ver a ti do que a mim — disse Mário, mas estava a sorrir ao dizer isto e, na verdade, a maioria do apoio, especialmente vindo dos habitantes mais velhos, era para ele.

— Estou ansioso para ver a velha família de novo — disse Ezio. — Já vai algum tempo.

— É verdade, e há duas pessoas que estão ansiosas por te ver a ti.

— Quem?

— Não adivinhas? É impossível estares assim tão preocupado com os teus deveres para com a Irmandade.

— Claro. Referes-te à minha mãe e à minha irmã. Como estão elas?

— Bom, a tua irmã estava muito infeliz quando o seu marido morreu, mas o tempo cura a maioria das coisas, e eu penso que ela está muito melhor agora. Afinal, ela está ali.

Eles tinham cavalgado até ao pátio interior da residência fortificada de Mário e, assim que desmontaram, Cláudia, a irmã de Ezio, apareceu no cimo da escadaria de mármore que dava para a entrada principal e voou para os braços do irmão.

— Irmão! — vociferou, abraçando-o. — O teu regresso a casa é o melhor presente de aniversário que alguma vez eu poderia ter desejado.

— Cláudia, minha querida — disse Ezio, apertando-a. — É bom estar de volta. Como está a mãe?

— Bem, graças a Deus. Ela está morta por te ver — nós temos estado ansiosas desde que nos chegou a notícia que estavas a regressar. E a tua fama chegou antes de ti.

— Vamos para dentro — disse Mário.

— Há mais alguém que vai ficar contente por te ver, — continuou Cláudia, tomando o braço de Ezio e levando-o pela escadaria acima. — A Condessa de Forlì.

— Catarina? Aqui? — Ezio tentou evitar que o entusiasmo se notasse na sua voz.

— Nós não sabíamos quando chegarias ao certo. A Mãe e ela estão com a Abadessa, mas estarão aqui até ao pôr-do-sol.

— Primeiro os negócios — disse Mário com sabedoria. — Vou convocar uma reunião do Conselho da Irmandade para esta noite. Eu sei que Maquiavel está especialmente interessado em falar contigo.

— Terminou, então? — perguntou Cláudia decididamente — O Espanhol está realmente morto?

Os olhos cinzentos de Ezio endureceram.

— Vou explicar tudo na reunião esta noite — disse-lhe.  
— Muito bem — respondeu Cláudia, mas ficou com um olhar preocupado enquanto se retirava.  
— E, por favor, dá os meus cumprimentos à Condessa quando ela voltar — pediu-lhe Ezio. — Irei vê-la e à Mãe esta noite. Primeiro tenho assuntos a tratar com Mário que não podem esperar.  
Assim que se viram sozinhos, o tom de Mário tornou-se sério.  
— Deves preparar-te bem para hoje à noite, Ezio. Maquiavel estará aqui ao pôr-do-sol e eu sei que ele tem muitas perguntas para ti. Agora vamos discutir sobre os assuntos e, depois, aconselho-te a descansar durante algum tempo — não te vai fazer mal voltares a familiarizar-te com a vila.

Após uma sessão de conversa intensa com Mário no seu escritório, Ezio caminhou de volta a Monteriggioni. A questão sobre a sobrevivência do Papa era um grande peso na sua mente e procurou distrair-se disso. Mário tinha sugerido que ele visitasse o seu alfaiate para encomendar roupas novas para substituir as suas já sujas das viagens. Assim, caminhou até à loja do alfaiate onde o encontrou sentado, de pernas cruzadas, em frente à sua bancada a coser uma capa com forro de uma rica cor verde-esmeralda.

Ezio gostava do alfaiate, que era um tipo bem-humorado e um pouco mais velho que o próprio Ezio. O alfaiate cumprimentou-o calorosamente.

— A que devo esta honra? — perguntou.

— Penso que já é tempo de ter roupas novas — disse Ezio um pouco na brincadeira. — Diga-me o que pensa. Seja honesto.

— Mesmo que não fosse o meu trabalho vender-lhe roupas, *signore*, teria que aconselhá-lo que um fato novo lhe ficaria bem.

— Bem me parecia! Muito bem!

— Vou tirar-lhe as medidas agora. De seguida pode escolher as cores de que gostaria.

Ezio entregou-se às indicações do alfaiate e escolheu um tecido discreto de veludo cinzento-escuro para o gibão, com meias-calças em lã a condizer.

— Pode estar pronto para hoje à noite?

O alfaiate sorriu.

— Só se não quiser que eu faça um bom trabalho, *signore*. Mas podemos fazer uma prova por volta do meio-dia amanhã.

— Muito bem — respondeu Ezio, na esperança que o encontro que iria ter nessa noite não o obrigasse a ter de deixar Monteriggioni imediatamente.

Estava atravessar a praça principal da vila quando reparou numa mulher atraente que se debatia com uma grosseira caixa de flores vermelhas e

amarelas que era claramente demasiado pesada para ela levantar. Àquela hora do dia, havia poucas pessoas por perto e Ezio sempre teve dificuldade em resistir a uma donzela a necessitar de auxílio.

— Posso ajudá-la? — perguntou, aproximando-se dela.

Ela sorriu-lhe.

— Sim, o senhor é precisamente o homem de que preciso. Era suposto o meu jardineiro levar estas flores para mim, mas a sua mulher está doente e ele teve de ir para casa. Já que estava de passagem por aqui, decidi vir buscá-las, mas esta caixa é demasiado pesada para mim. Será que podia...?

— Claro. — Ezio parou e levantou a caixa por cima do ombro. — Tantas flores. É uma mulher com sorte.

— Tive ainda mais sorte por me ter cruzado consigo.

Não havia dúvida que ela estava a namoriscar com ele.

— Podia ter pedido ao seu marido para as vir buscar por si, ou um dos seus outros serviçais — disse ele.

— Eu tenho apenas uma serviçal e ela não tem metade da minha força — respondeu a mulher. — E quanto a marido, eu não tenho nenhum.

— Estou a ver.

— Pedi estas flores para o aniversário de Cláudia Auditore — a mulher olhou para ele.

— Isso parece divertido.

— E vai ser — ela parou. — Na verdade, se me quiser ajudar um pouco mais, estou à procura de alguém com um pouco de classe para me levar à festa.

— Acha que eu tenho classe que chegue?

Ela agora estava mais ousada.

— Sim! Ninguém na vila inteira anda com melhor porte que o senhor, Tenho a certeza que o próprio Ezio, o irmão de Cláudia, ficaria impressionado.

Ezio sorriu.

— A senhora lisonjeia-me. Mas o que sabe desse Ezio?

— Cláudia, que é uma amiga minha em particular, adora-o. Mas ele raramente a visita e, pelo que consigo perceber, é muito distante.

Ezio decidiu que estava na hora de abrir o jogo.

— É verdade, infelizmente tenho estado... distante.

A mulher atrapalhou-se.

— Oh, não! *O senhor é Ezio!* Eu não acredito. Cláudia realmente disse que estava de regresso. É suposto a festa ser uma surpresa para ela. Prometa que não diz nada.

— Se calhar é melhor que me diga quem é, agora.

— Oh, claro. Sou Angelina Ceres. Agora prometa.

— O que vai fazer para me manter calado?

Ela olhou para ele maliciosamente.

— Oh, tenho a certeza que me consigo lembrar de várias coisas.

— Mal posso esperar para saber o que são.

Por esta altura já tinham chegado à porta da casa de Angelina. A empregada idosa de Angelina abriu-a e Ezio colocou a caixa de flores num banco de pedra no pátio. Virou-se para Angelina e sorriu.

— É agora que me vai dizer?

— Mais tarde.

— Por que não agora?

— *Signore*, asseguro-lhe que valerá a pena esperar.

Mal sabiam ambos que acontecimentos os iriam afectar a eles e que não se voltariam a encontrar.

Ezio despediu-se e, vendo que o dia estava a acabar, dirigiu-se de volta para a cidadela. À medida que se aproximava dos estábulos, reparou numa rapariga a vagar pelo meio da rua, aparentemente sozinha. Estava prestes a falar com ela quando foi interrompido pelo som de gritos em pânico e o trovejar de cascos de cavalos. Mais rápido que o próprio pensamento, pegou na criança e levou-a para o abrigo de uma entrada. Tinha sido mesmo a tempo, já que, ao virar da esquina, galopava um poderoso cavalo de guerra, completamente aparelhado mas sem cavaleiro. A correr com dificuldade, e a pé, vinha o chefe das cavalariações de Mário, um homem idoso chamado Frederico, que Ezio reconheceu.

— *Torna qui, maledetto cavallo!* — gritava Frederico desesperado atrás do cavalo a desaparecer. Ao ver Ezio, disse.

— Pode-me ajudar, senhor? É o corcel favorito de seu tio. Eu estava prestes a retirar-lhe a sela e limpá-lo mas algo o assustou; ele é muito nervoso.

— Não se preocupe, vou tentar apanhá-lo de volta para si.

— Obrigado, obrigado. — Frederico limpou a testa. — Estou a ficar demasiado velho para isto.

— Não se preocupe. Fique aqui e tome conta desta criança — penso que está perdida.

— Com certeza.

Ezio correu atrás do cavalo, que encontrou sem dificuldade. Tinha acalmado e estava a comer um pedaço de ferro que se encontrava numa carroça parada. Recuou ligeiramente quando Ezio se aproximou, mas depois reconheceu-o e não fugiu. Ezio passou uma mão de conforto pelo seu pescoço e afagou-o para lhe dar segurança antes de tomar o freio e guiá-lo gentilmente de volta pelo caminho de onde tinham vindo.

Pelo caminho, teve a oportunidade de fazer mais uma boa acção



quando encontrou uma mulher jovem cheia de ansiedade, que era nada mais nada menos que a mãe da criança perdida. Ezio explicou o que tinha acontecido, tendo cuidado em minimizar o perigo que a criança teria corrido. Assim que lhe disse onde a criança estava, ela correu à sua frente, chamando pelo nome da sua filha — «Sophia! Sophia!» — e Ezio ouviu um grito de resposta «Mamma!» Minutos depois, ele estava reunido de volta ao pequeno grupo e tinha dado as rédeas a Frederico que, agradecendo-lhe novamente, lhe suplicou que não dissesse nada a Mário. Ezio prometeu não fazê-lo e Frederico levou o cavalo de volta aos estábulos.

A mãe continuava à espera com a filha e Ezio virou-se para elas com um sorriso.

— Ela quer-lhe agradecer — disse a mãe.

— Obrigado — disse Sophia obedientemente, olhando-o numa mistura de reverência e agitação.

— Fica perto da tua mãe no futuro — disse Ezio com gentileza. — Não a abandones assim, *capisco?*

A rapariguinha acenou sem dizer nada.

— Estaríamos perdidos sem si e a sua família para cuidar de nós, *signore* — disse a mãe.

— Fazemos o que podemos — disse Ezio, mas os seus pensamentos ficaram conturbados assim que entrou na cidadela. Embora tivesse quase a certeza de que era capaz de se defender, não estava com vontade de se encontrar com Maquiavel.

Ainda havia tempo antes do encontro, então, para evitar pensar demasiado sobre como iria decorrer, e por curiosidade natural, Ezio escalou aos baluartes para olhar mais de perto para o novo canhão que Mário tinha instalado e do qual tinha tanto orgulho. Havia vários, todos belissimamente feitos em bronze moldado e cada um com um monte de balas de canhão em ferro empilhadas ao lado das suas rodas. O canhão maior tinha um cano de três metros e Mário tinha-lhe dito que estes pesavam mais de 9.000 kg, mas também havia colubrinas mais leves e mais fáceis de manobrar entre eles. Nas torres que estavam nos extremos das muralhas havia canhões mais pequenos montados em ferro forjado, bem como falconetes em carros de madeira.

Ezio aproximou-se dum grupo de artilheiros que estavam juntos à volta de uma das armas maiores.

— Belos monstros — disse, passando a mão sobre a decoração elaborada à volta do buraco do rastilho.

— É verdade, *Messer Ezio* — disse o líder do grupo, um sargento-mestre com um ar duro de que Ezio se lembrava da sua primeira visita a Monteriggioni quando era um jovem.

— Ouvi-vos a praticarem há pouco. Posso tentar disparar um destes?  
— Com certeza que pode, mas antes nós estivemos a disparar o canhão mais pequeno. Estes canhões grandes são novos. Ainda não apanhámos o truque de os carregar e o armeiro-chefe que devia tê-los instalado parece ter-se ido embora.

— Têm alguém à procura dele?

— Sim, temos, senhor, mas sem sorte até agora.

— Vou procurá-lo também. Afinal, estas coisas não estão aqui para decoração e nunca se sabe quando vamos precisar deles.

Ezio partiu, continuando a fazer a ronda dos baluartes. Não tinha andado mais do que uns vinte ou trinta metros quando ouviu um grunhido ruidoso vindo de um barracão de madeira que tinha sido construído no topo de uma das torres. Perto dele, do lado de fora, encontrava-se uma caixa de ferramentas e, à medida que Ezio se aproximava, os grunhidos pareciam-se cada vez mais com ressonos.

Estava escuro e quente dentro do barracão e havia um cheiro repugnante a vinho estragado. À medida que os seus olhos se acostumaram à luz fraca, Ezio depressa distinguiu as formas de um homem grande em manga-curta bastante suja e estatelado num monte de palha. Deu um leve pontapé no homem, mas o único efeito que teve foi fazê-lo engasgar-se, acordar ligeiramente e virar-se ao contrário, de cara para a parede.

— *Salve, Messere* — disse Ezio, dando mais um encontrão no homem, agora com menos suavidade, com a biqueira da bota.

O homem virou a cabeça para olhar para ele e abriu um olho.

— O que é, amigo?

— Precisamos que consertes o canhão novo nas ameias.

— Hoje não, camarada. Amanhã.

— Estás demasiado bêbado para fazer o teu trabalho? Acho que o Capitão Mário não iria ficar muito contente se soubesse disso.

— Não há mais trabalho hoje.

— Mas não é assim tão tarde. Sabes que horas são?

— Não. Nem quero saber. Faço canhões, não relógios.

Ezio tinha-se agachado para falar ao homem que, por sua vez, se tinha sentado e estava a oferecer a Ezio uma onda do seu bafo, com um cheiro intenso a alho e a vinho Montalcino barato, enquanto arrotava à vontade. Ezio chegou perto dos seus pés.

— Precisamos que esses canhões estejam prontos a disparar e precisamos deles agora, — disse. — Queres que encontre alguém mais capaz que tu?

O homem levantou-se.

Calma aí, amigo. Nenhum outro homem vai tocar nas minhas armas.

— Encostou-se a Ezio à medida que recuperava o fôlego. Não sabes como é — alguns destes soldados não têm respeito pela artilharia. São coisas novas para muitos deles, tudo bem, mas eu pergunto. Eles estão à espera que uma arma funcione por magia, assim sem mais nem menos? Não vale a pena tentar melhorar o funcionamento deles.

— Podemos andar enquanto falamos? — Disse Ezio. — O tempo não pára, sabes.

— Sabes — continuou o armeiro-chefe —, estas coisas que temos aqui estão numa classe à parte. Só o melhor para o Capitão Mário — mas não deixam de ser muito simples. Arranjei um desenho francês para uma arma de mão. Chamam-lhe o assassino de ferro forjado. Muito engenhosa. Pensa bem, um canhão de mão. É o futuro, camarada.

Por esta altura já estavam próximos do grupo em redor do canhão.

— Podem cancelar a caçada — disse Ezio alegremente. — Aqui está ele. O sargento-chefe olhou para o armeiro com atenção.

— Ele está em condições?

— Posso estar com mau ar — retorquiu o armeiro —, mas no fundo sou um homem pacífico. Nos tempos que correm, encorajar o guerreiro adormecido nas minhas entranhas é a única forma de estar vivo. Por isso, é meu dever beber — empurrou o sargento para o lado. — Vamos ver o que temos aqui...

Depois de examinar o canhão por alguns momentos, o armeiro-chefe voltou-se para os soldados.

— O que têm estado a fazer? Têm estado a mexer neles, não têm? Graças a Deus que não dispararam nenhum: podiam ter-nos matado a todos. Ainda não estão prontos. Primeiro é preciso dar uma boa limpeza aos canos.

— Talvez contigo por perto não seja preciso nenhum canhão, — disse-lhe o sargento. — Basta que respires para cima do inimigo!

Mas o armeiro estava ocupado com um pau de limpeza e bocados de algodão áspero e oleado. Quando acabou, levantou-se e endireitou as costas.

— Vá, já está — disse. Virando-se para Ezio, continuou — Diz a estes rapazes para o carregarem — isso é algo que eles podem fazer, embora Deus sabe que demoraram tempo de sobra para aprenderem — e já podes tentar. Olha para ali no monte. Montámos uns alvos ao nível desta arma. Começa por apontar a alguma coisa no mesmo nível. Assim, se o canhão explodir, ao menos não leva a tua cabeça com ele.

— Isso tranquiliza-me — disse Ezio.

— Tenta, *Messer*. Aqui está o rastilho.

Ezio colocou o fósforo lento no buraco do rastilho. Durante um bom

bocado nada aconteceu, depois ele saltou para trás quando o canhão deu um coice e rugiu. Ao olhar para os alvos, Ezio conseguiu ver que a sua bola tinha destruído um deles.

— Muito bem — disse o armeiro. — *Perfetto!* Ao menos uma pessoa aqui, sem contar comigo, sabe disparar.

Ezio disse ao homem para recarregar e disparou de novo, mas desta vez falhou.

— Não podemos ganhar sempre — disse o armeiro — Volta cá de madrugada. Vamos praticar de novo nessa altura e dou-te uma hipótese de treinares o olho.

— Assim farei — disse Ezio, mal sabendo que da próxima vez que disparasse um canhão, seria mortalmente a sério.

Quando Ezio entrou no grande salão da cidadela de Mário, as sombras da noite já se estavam a adensar e os serviçais começavam a acender archotes e velas para dissipar o crepúsculo. O crepúsculo condizia com o humor cada vez mais sombrio de Ezio à medida que a hora da reunião se aproximava.

Estava tão absorto nos seus próprios pensamentos que a princípio nem reparou na mulher que deambulava perto da enorme lareira. A sua figura pequena, mas forte, era diminuta ao lado das cariátides gigantescas que flanqueavam a chaminé. Então Ezio espantou-se quando a mulher se aproximou dele e tocou no seu braço. Assim que a reconheceu, as suas feições relaxaram numa expressão de pura satisfação.

— *Buonasera*, Ezio — disse ela, um pouco timidamente para si mesma, pensou ele.

— *Buonasera*, Catarina — respondeu ele, fazendo uma vénia à Condessa de Forlì. A sua intimidade passada já estava um pouco distante, embora nenhum dos dois se tivesse esquecido e, quando ela tocou no seu braço, ambos, pensou Ezio, sentiram a química do momento.

— Cláudia disse-me que estavas aqui e eu estava com vontade de te ver. Mas... — ele hesitou, — Monteriggioni é longe de Forlì, e...

— Não deves pensar que percorri este caminho todo apenas por tua causa — disse ela com um traço da sua antiga aspereza, embora pudesse ver pelo seu sorriso que não estava a falar completamente a sério. Foi aí que se apercebeu que ainda se sentia atraído por esta mulher terrivelmente independente e perigosa.

— Estou sempre disposto a servi-la, *Madonna*, em tudo o que eu puder — disse-o com sinceridade.

— Algumas formas são mais difíceis que outras — contestou ela, e agora havia um tom duro na sua voz.

— O que se passa?

— Não é um assunto simples — continuou Catarina Sforza. — Venho em busca de uma aliança.

— Conta-me mais.

— Temo que o teu trabalho ainda não tenha acabado, Ezio. Os exércitos papais estão a marchar em Forlì. O meu domínio é pequeno, mas felizmente — ou infelizmente para mim — está localizado numa área da maior importância estratégica para quem a controlar.

— E procuras a minha ajuda.

— As minhas forças sozinhas são fracas; os teus *condottieri* seriam uma grande mais-valia para a minha causa.

— Isto é algo que terei de discutir com Mário.

— Ele não irá recusar.

— Nem eu.

— Ao me ajudares, não me estarás apenas a fazer uma boa acção, vais tomar uma posição contra as forças do mal, o que sempre nos uniu.

Enquanto falavam, Mário apareceu.

— Ezio, *Contessa*, estamos reunidos e esperamos por vós — disse ele, com uma cara involuntariamente séria.

— Falaremos mais sobre isto — disse-lhe Ezio. — Estão à minha espera para um encontro que o meu tio convocou. Penso que esperam que eu me explique. Mas vamos combinar vermo-nos depois.

— A reunião também me diz respeito — disse Catarina. — Vamos entrar?

A divisão era bastante familiar para Ezio. Ali, na parede interior agora à vista, estavam ordenadas as páginas do Grande Codex. A secretária, normalmente cheia de mapas, estava limpa e, à sua volta, em cadeiras austeras de costas direitas e madeira escura, sentavam-se os membros da Irmandade dos Assassinos que se tinham juntado em Moteriggioni, juntamente com os membros da família Auditore que privavam da sua causa. Mário estava sentado atrás da sua secretária e, numa ponta, sentava-se um homem sóbrio, de vestes escuras, com um ar ainda jovem, mas com rugas de preocupação a marcarem-lhe a testa profundamente. Era o homem que se tinha tornado num dos parceiros mais próximos de Ezio e ao mesmo tempo num dos seus críticos mais profundos: Nicolau Maquiavel. Os dois homens inclinaram a cabeça discretamente um ao outro enquanto Ezio cumprimentava Cláudia e a sua mãe, Maria Auditore, a matriarca da família desde a morte do seu pai. Maria abraçou o seu único filho sobrevivente como se disso dependesse a sua vida e olhou para ele com um brilho nos olhos assim que ele se soltou e tomou um lugar perto de Catarina e oposto a Maquiavel, que agora se levantava e olhava para ele com um ar de interrogação. Era claro que não iria haver um prólogo amigável antes de tratarem do assunto em mãos.

— Primeiro, talvez eu te deva um pedido de desculpas — começou Maquiavel. Eu não estava presente na cripta e assuntos urgentes levaram-me a Florença antes de poder realmente analisar o que se passou lá. Mário deu-nos a sua versão, mas apenas a tua pode ser a completa.

Ezio levantou-se e falou de forma simples e directa.

— Eu entrei no Vaticano, onde encontrei Rodrigo Bórgia, o Papa Alexandre VI, e confrontei-o. Ele estava em posse de um dos Pedacos do Éden, o Bastão, e usou-o contra mim. Consegui derrotá-lo e, usando os poderes combinados da Maçã e do Bastão, acedi à cripta secreta, deixando-o do lado de fora. Ele estava desesperado e suplicou-me que o matasse. Eu não o fiz. — Ezio parou.

— E depois? — incitou Maquiavel enquanto os outros observavam em silêncio.

— Dentro da cripta havia muitas coisas estranhas; coisas impossíveis de sonhar no nosso mundo — visivelmente tocado, Ezio obrigou-se a continuar num tom calmo. Apareceu-me uma visão da deusa Minerva. Ela falou de uma tragédia terrível que iria cair sobre a humanidade num tempo futuro, mas falou também de templos perdidos que podem, quando forem encontrados, ajudar-nos e levar-nos para uma espécie de redenção. Ela parecia invocar um fantasma que tinha uma ligação próxima a mim, mas não consigo dizer qual. Após o seu aviso e previsões, ela desapareceu. Ao emergir, vi o Papa a morrer — ou era o que me parecia; ele aparentava ter tomado veneno, Mais tarde, algo me impeliu para regressar. Apoderei-me da Maçã, mas o Bastão, que poderia ter sido outro Pedaco do Éden, foi engolido pela terra. Estou satisfeito com isso: só a Maçã, que entreguei ao cuidado de Mário, já é mais responsabilidade do que aquela que eu desejo pessoalmente.

— Espantoso! — exclamou Catarina.

— Não consigo imaginar tais maravilhas — acrescentou Cláudia.

— Então a cripta não guardava a arma terrível que nós temíamos — ou, pelo menos, os Templários não obtiveram controlo sobre ela. Isto ao menos são boas notícias — disse Maquiavel secamente.

— E sobre esta deusa, Minerva? — perguntou Cláudia. — Ela parecia ser... como nós?

— A sua aparência era humana, e ao mesmo tempo sobre-humana — disse Ezio. — As suas palavras provavam que ela pertencia a uma raça muito mais velha e superior à nossa. O resto da sua espécie morreu há muitos séculos atrás. Ela estava à espera daquele momento há muito tempo. Gostava de ter palavras que descrevessem a magia que ela efectuou.

— Que são esses templos de que ela falou? — acrescentou Mário.

— Não sei.

— Ela disse que deveríamos procurá-los? Como sabemos o que procurar?

— Talvez devêssemos... talvez a demanda nos mostre o caminho.

— A demanda deve ser iniciada — disse Maquiavel decididamente.

— Mas primeiro temos de abrir o caminho. Fala-nos do Papa. Dizes que ele não morreu?

Quando regresssei à cripta, a sua veste estava no chão da capela. Ele tinha desaparecido.

— Ele tinha feito alguma promessa? Mostrou arrependimento?

— Nem uma coisa nem outra. Ele estava decidido a obter o Poder. Quando viu que não iria conseguir, desfaleceu.



— E deixaste-o a morrer.

— Não seria eu a matá-lo

— Devias tê-lo feito.

— Não estou aqui para debater o passado. Reafirmo a minha decisão. Agora devemos discutir o futuro. O que vamos fazer.

— Aquilo que vamos fazer torna-se mais urgente devido à tua falha em não teres acabado com o líder dos Templários quando tiveste hipótese — Maquiavel respirava pesadamente, mas depois relaxou um pouco. — Muito bem, Ezio. Tu sabes a elevada estima que todos temos por ti. Não teríamos, de forma alguma, conseguido ir tão longe sem a devoção de vinte anos que demonstraste à Irmandade dos Assassinos e ao nosso Credo. E uma parte de mim aplaude por não teres matado quando consideraste desnecessário fazê-lo. Isso também está de acordo com o nosso código de honra. Mas equivocaste-te, meu amigo, e isso significa que temos uma tarefa imediata e perigosa à nossa frente — parou, sondando a assembleia reunida com um olhar de falcão. — Os nossos espiões em Roma reportam que Rodrigo é realmente uma ameaça reduzida. Ele está, pelo menos, derrotado em espírito. Há um ditado que diz que é menos perigoso lutar contra uma cria de leão do que com um leão velho e moribundo. Mas no caso do Bórgia a posição é realmente oposta. O filho de Rodrigo, César, é o homem contra o qual temos de nos preparar agora. Está armado com a vasta fortuna que os Bórgia juntaram por meios lícitos e ilícitos; mas na sua maioria ilícitos — aqui, Maquiavel permitiu-se sorrir. — Ele encabeça um grande exército de tropas extremamente bem treinadas e, com elas, pretende apoderar-se de toda a Itália, de toda a península. E não tem intenções de parar nas fronteiras do Reino de Nápoles.

— Ele nunca ousaria; ele nunca seria capaz de o fazer! — rugiu Mário.

— Ele quer e vai fazê-lo — replicou Maquiavel. — É totalmente malévolo e é um Templário tão dedicado como o seu pai, o Papa. Mas também é um duro, um soldado completamente impiedoso. Ele sempre quis ser soldado, mesmo depois do seu pai o ter tornado Cardeal de Valência quando ele tinha apenas dezassete anos. Como todos sabemos, abdicou dessa posição, tornando-se no único cardeal da história a fazê-lo. Os Bórgia tratam o nosso país e o Vaticano como se fossem sua propriedade. O plano de César agora é esmagar o norte em primeiro lugar, subjugar a Romagna e isolar Veneza. Também pretende extirpar e destruir todos nós, os Assassinos que restam, já que ele sabe que, no fundo, somos as únicas pessoas que o podem parar. “Aut Cesar, Aut Nihil” é o seu lema. “Ou estás comigo ou estás morto”. E sabem, acho que o louco realmente acredita nisso.

— O meu tio falou numa irmã — começou Ezio.

Maquiavel virou-se para ele.

— Sim. Lucrecia. Ela e César são... como direi? Muito próximos. São uma família muito unida. Quando não estão a matar os outros irmãos e irmãs, maridos e mulheres que considerem inconvenientes para eles, estão... juntos um com o outro.

Maria Auditore não conseguiu suprimir um gemido de nojo.

— Temos de lidar com eles com todo o cuidado que teríamos a lidar com um ninho de víboras — concluiu Maquiavel. — E Deus sabe quanto cedo irão eles atacar a seguir — parou e bebeu meio copo de vinho. — E agora, Mário, deixo-vos. Ezio, estou certo que nos encontraremos de novo em breve.

— Vais partir esta noite?

— O tempo urge, caro Mário. Parto para Roma esta noite. Adeus.

A sala ficou em silêncio assim que Maquiavel saiu. Depois de uma longa pausa, Ezio disse amargamente:

— Ele culpa-me por não ter matado Rodrigo quando tive hipótese — olhou à sua volta. — Todos vocês me culpam.

— Qualquer um de nós poderia ter tomado a decisão que tomaste — disse a sua mãe. — Tinhas a certeza que ele estava a morrer.

Mário aproximou-se e colocou um braço por cima dos seus ombros.

— Maquiavel conhece o teu valor, todos nós o sabemos. E mesmo com o Papa fora do caminho, ainda teríamos que lidar com a sua família.

— Mas se eu tivesse cortado a cabeça, teria o corpo sobrevivido?

— Temos que lidar com a situação como ela é, caro Ezio, não como ela poderia ter sido — Mário deu-lhe uma palmada nas costas. — E agora, visto que temos um dia ocupado amanhã, sugiro que jantemos e nos preparemos para nos deitarmos cedo!

Os olhos de Catarina cruzaram-se com os de Ezio. Teria ele imaginado, ou havia ali uma faísca de luxúria? Contorceu-se. Talvez tivesse apenas sido a sua imaginação.

Ezio fez uma refeição leve, apenas *pollo ripieno* com vegetais assados, e bebeu o seu Chianti traçado com água. Houve pouca conversa ao jantar e ele respondeu educadamente mas com poucas palavras às perguntas sucessivas da sua mãe. Após toda a tensão que se tinha acumulado em antecipação da reunião e que agora se tinha dissipado, ele estava muito cansado. Mal tinha tido hipótese de descansar desde que tinha deixado Roma e parecia agora que iria demorar algum tempo até conseguir realizar a sua ambição de longa data de passar mais tempo na sua terra natal, em Florença, a ler e a passear pelas tranquilas colinas que a rodeavam.

Mal lhe foi possível fazê-lo com cortesia, Ezio despediu-se da companhia e retirou-se para o seu quarto, um grande espaço, silencioso e com pouca iluminação, situado num dos pisos superiores e com uma vista para o campo e não para a povoação. Assim que chegou ao quarto e mandou o serviçal sair, libertou-se da rigidez que o tinha acompanhado ao longo do dia. O seu corpo arqueou, os seus ombros desceram e o seu andar tornou-se arrastado. Os seus movimentos eram lentos e deliberados. Atravessou o quarto para o banho que o serviçal já lhe tinha preparado. À medida que se aproximava, descalçou as botas e tirou as roupas e, quando já estava nu, parou por um momento, com as roupas amontoadas nas mãos, em frente a um espelho de corpo inteiro num suporte ao pé da banheira de cobre. Olhou para o seu reflexo com um olhar cansado. Para onde tinham ido as últimas longas quatro décadas? Endireitou-se. Estava mais velho, talvez mais forte, certamente mais sábio, mas não conseguia evitar a fadiga profunda que sentia.

Ezio atirou as suas roupas para cima da cama. Debaixo dela, dentro de um baú de olmo trancado, estavam as armas secretas do Codex que Leonardo da Vinci tinha fabricado para ele. Podia analisá-las logo de manhã, depois do concílio de guerra que iria ter com o seu tio. A Lâmina Oculta original nunca saía de perto de si, excepto quando estava nu e,

mesmo assim, mantinha-a ao alcance. Trazia-a sempre, tinha-se tornado parte do seu corpo.

Suspirando de alívio, Ezio entrou no banho. Submerso até ao pescoço na água quente, ao inspirar o vapor ligeiramente aromático, fechou os olhos e deitou um longo e lento suspiro de alívio. Por fim paz. Seria melhor tirar partido das poucas horas que teria dela.

Tinha acabado de adormecer e começado a sonhar quando um ligeiro barulho, a porta a abrir e a fechar-se atrás das tapeçarias pesadas, fez com que acordasse como um animal selvagem. Silenciosamente, a sua mão procurou a lâmina e, num um movimento treinado, prendeu-a ao punho. De seguida, num único movimento, virou-se e levantou-se dentro da banheira, numa posição de ataque e a olhar na direcção da porta.

— Bem — disse Catarina, sorrindo enquanto se aproximava. — Realmente não perdeste nenhum centímetro com os anos.

— Estás em vantagem sobre mim, *Contessa* — sorriu Ezio. — Tens a roupa toda.

— Penso que podemos chegar a um acordo para mudar isso. Mas estou à espera.

— À espera do quê?

— Para que digas que não precisas mesmo de te certificares. Para que digas que tens a certeza, mesmo sem veres o meu corpo nu, que a Natureza foi tão boa para mim como para ti, senão melhor — O seu sorriso aumentou perante a confusão de Ezio. — Mas eu lembro-me que nunca foste tão bom a tecer elogios como eras a livrar o mundo dos Templários.

— Vem cá!

Puxou-a para ele, pegando na renda da sua saia enquanto os dedos dela voaram primeiro para a lâmina, soltando-a, e depois para os cordões do seu corpete. Segundos depois, ele já a tinha carregado para dentro do banho com ele, com os lábios colados um ao outro e os seus braços nus entrelaçados.

Não se demoraram muito no banho, saíram de seguida, secando-se um ao outro com toalhas de linho áspero que o serviçal deixara. Catarina tinha trazido um frasco de óleo de massagem perfumado e tirou-o de um bolso no vestido.

— Agora deita-te na cama — disse ela. — Quero ter a certeza que estás pronto para mim.

— Com certeza que vês que estou.

— Faz-me a vontade. Faz a vontade a ti mesmo.

Ezio sorriu. Isto era melhor que dormir. O sono podia esperar.

O sono, descobriu Ezio, acabou por esperar três horas, altura em que Catarina se aninhou nos seus braços. Adormeceu antes dele e ele obser-

vou-a durante algum tempo. A natureza tinha realmente sido boa para ela. O seu corpo esguio mas com curvas, os seus lábios finos, ombros largos e seios pequenos mas perfeitos ainda era igual à de uma rapariga de vinte anos. A nuvem de fino cabelo ruivo que lhe fazia cócegas no peito quando ela mexia a cabeça ainda tinha o mesmo odor que o tinha enlouquecido anos antes. Acordou uma ou duas vezes pela noite dentro, apercebendo-se que se tinha afastado dela e, quando a envolveu de novo nos seus braços, ela aninhou-se junto a ele sem acordar, dando um pequeno suspiro de conforto e apertando a mão à volta do seu braço. Ezio mais tarde interrogou-se se esta não teria sido a melhor noite de amor da sua vida.

Claro que acabaram por dormir demasiado, mas Ezio não iria desistir de mais uma rodada a favor dos treinos com os canhões, embora uma parte da sua mente o reprovasse por isso. À distância, conseguia ouvir vagamente os sons de marcha; homens barulhentos a moverem-se numa marcha em passo de corrida. Gritavam ordens, seguidas pelo estrondo dos canhões.

— Tiro ao alvo com o novo canhão — disse Ezio quando, por um momento, Catarina parou e olhou para ele, confusa. — Manobras. Mário é um chefe de operações duro.

Os pesados cortinados de brocado em frente à janela cortavam a maioria da luz e o quarto permanecia abrigado numa escuridão confortável. Não vinha nenhum serviçal para os incomodar. Os gemidos de Catarina depressa se sobrepueram a qualquer outro barulho no seu ouvido. As suas mãos apertaram-se à volta das nádegas firmes de Catarina e ela puxava-o rapidamente contra ela quando o amor foi interrompido por mais do que apenas o rugido dos canhões.

Subitamente, a paz e suavidade do quarto foram estilhaçadas. As janelas rebentaram com um rugido poderoso, levando uma parte da parede exterior de pedra com elas sofrerem o embate de uma gigantesca bala de canhão que aterrou, a ferver, a centímetros da cama. O chão arqueou-se debaixo do seu peso.

Ezio tinha-se atirado instintivamente para cima de Catarina em sua protecção ao primeiro sinal de perigo. Nesse momento, os amantes transformaram-se em profissionais e colegas; se queriam continuar a ser amantes, primeiro teriam de sobreviver.

Saltaram da cama, vestindo as roupas num ápice. Ezio reparou que, além do delicioso frasco de óleo, Catarina envergava um muito útil punhal rombo debaixo das saias.

— Mas que raio... — gritou Ezio.

— Vai e encontra Mário — disse Catarina urgentemente.

Mais uma bala voou para dentro do quarto, desfazendo as vigas por cima da cama recentemente abandonada e esmagando-a em mil bocados.

— As minhas tropas estão no pátio principal — disse Catarina. — Vou procurá-las e dar a volta até às traseiras da cidadela para ver se os podemos flanquear. Diz a Mário que foi o que eu decidi.

— Obrigado — disse Ezio. — Mantém-te escondida.

— Gostava que houvesse tempo para eu mudar de roupa — disse ela a rir. — Para a próxima é melhor fazermos reserva num *albergo*, não?

— Vamo-nos certificar que vai *haver* uma próxima vez — acrescentou Ezio, também a rir, mas nervosamente, enquanto apertava a sua espada.

— Podes ter a certeza! *Arrivederci!* — vociferou Catarina, saindo a correr do quarto sem se esquecer de lhe atirar um beijo.

Ezio olhou para os escombros da cama. As armas do Codex; a Lâmina Dupla, a Lâmina Envenenada e a Pistola estavam enterradas debaixo deles e, com toda a certeza, destruídas. Ao menos ainda tinha a sua Lâmina Oculta. Nem num caso extremo ele se esqueceria dela; tinha sido o último pedido do seu pai assassinado.

Ezio não fazia ideia de que horas seriam, mas a experiência dizia-lhe que os ataques geralmente começavam de madrugada, quando as vítimas ainda estavam confusas e a limpavam ainda a ramela dos olhos. Teve sorte que o seu treino lhe tenha dado, mesmo chegado à idade de quarenta anos, o sentido de alerta e agilidade de um lince.

Assim que se encontrou no exterior e nas ameias, olhou para o panorama à sua volta. O aldeamento abaixo de si ardia em chamas em muitos quarteirões. Viu a loja do alfaiate a arder, bem como a casa de Angelina. Não haveria aniversário para a pobre Cláudia nesta noite.

Esquivou-se, enquanto mais uma bala de canhão se esmagava contra os baluartes. Por amor de Deus, que armas tinham trazido os seus atacantes? Como conseguiam recarregar e disparar tão rapidamente? E quem estava por detrás disto?

Através do fumo e pó, Ezio conseguiu ver Mário a escapar-se de estilhaços de madeira enquanto se aproximava dele. Ezio saltou de cima dos baluartes, aterrando de cócoras perto de Mário e correndo para se juntar a ele.

— Tio! *Che diavolo...?*

Mário cuspiu.

— Eles apanharam-nos desorganizados. São os Bórgia!

— *Fottere!*

— Nós subestimámos César. Eles devem ter aumentado as fileiras a este durante a noite.

— Que devemos fazer?

— O principal é pôr todos os aldeões a salvo; aqueles que ainda não foram mortos. Temos de os repelir até termos feito isso. Se eles tomarem o aldeamento com o povo ainda cá dentro, vão matá-los a todos. Aos olhos deles, toda a gente em Monteriggioni ou é um Assassino ou um colaborador de um Assassino.

— Eu conheço o caminho de saída. Deixa isso comigo.

— Excelente. Eu vou juntar as nossas defesas e atirar-lhes com tudo o que temos — Mário parou. — Ouve. Vamos enfrentá-los primeiro. Vai e comanda o canhão nos baluartes.

— E tu?

— Eu vou encabeçar um ataque frontal Vou levar a batalha até aos sacanas.

— A Catarina vai tentar levar as forças dela à volta para os flanquear.

— Ótimo. Então já temos alguma sorte. Agora despacha-te!

— Espera!

— O que é?

Ezio falou num tom mais grave:

— Onde está a Maçã? — não disse ao tio que as armas do Codex tinham sido destruídas por um dos primeiros ataques de canhão. Internamente rezava que, por algum milagre, o seu caminho se cruzasse novamente com o de Leonardo, pois não duvidava que o Mestre de todas as artes e ciências o ajudaria a reconstruí-las, caso necessário. Entretanto, ainda tinha a Lâmina Oculta e, no passado, tinha-se tornado um mestre no uso de armas convencionais.

— A maçã está a salvo — assegurou-lhe Mário. — Agora vai. E, se vires que os Bórgia mostram a mínima hipótese de penetrarem nas muralhas, concentra-te em evacuar o aldeamento. Entendes?

— *Si, zio mio.*

Mário colocou as suas mãos nos ombros de Ezio e olhou para ele com um ar preocupado durante um longo momento.

— O nosso destino só está parcialmente nas nossas próprias mãos. Só controlamos uma parte dele. Mas nunca te esqueças — *nunca* te esqueças, sobrinho — que aconteça o que te acontecer a ti ou a mim neste dia, não existe uma única pena que caia dum pardal que não tenha sido empurrada pelo dedo de Deus.

— Compreendo, *Capitano*.

Houve um breve momento de silêncio entre eles, depois Mário esticou a sua mão.

— *Insieme per la vittoria!*

Ezio agarrou a mão do seu tio na sua e apertou-a fervorosamente.

— *Insieme!*

Enquanto Mário se virava para partir, Ezio disse:

— *Capitano*, tem cuidado.

Mário acenou com um ar taciturno.

— Vou fazer o meu melhor. E tu pega no meu cavalo e leva-o para as muralhas exteriores o mais rápido que puderes — desembainhou a espada e, com um grande grito de guerra para reunir os seus homens, correu contra o inimigo.



Ezio observou-o brevemente, depois correu em direcção ao estábulo onde aguardava o velho caseiro e o cavalo em fuga que ele tinha capturado no dia anterior. O enorme cavalo castanho estava aparelhado e pronto.

— O *Maestro* Mário já tinha dado ordens — disse o velho. — Posso estar longe da minha juventude, mas ninguém me pode acusar de não ser eficiente. *Ma attenzione*, este cavalo está cheio de alma!

— Eu domei-o ontem. Ele irá saber hoje quem eu sou.

— É verdade. *Buona fortuna*. Estamos todos a contar consigo.

Ezio atirou-se para cima da sela e incitou o cavalo inquieto em direcção às muralhas exteriores.

Cavalgou pela vila já devastada. O alfaiate estava morto e mutilado em frente à sua loja; que mal tinha ele feito a alguém? Angelina chorava em frente à sua casa incendiada; que sentido fazia não ter sido poupada?

Era a guerra, nada mais. Brutal e cruel. Perversa e infantil. A exaltação de Ezio elevava-se contra ela.

Liberdade, misericórdia e amor, estas eram as únicas coisas dignas por que lutar e matar. Estes eram os elementos principais do Credo dos Assassinos. Da Irmandade.

À medida que Ezio cavalgou em frente, deparou-se com cenas de uma desolação terrível. Estava rodeado de devastação e caos à medida que o seu cavalo o levava pela cidade em chamas.

— Os meus filhos! Onde estão os meus filhos?! — gritava uma jovem mãe enquanto ele passava, sem poder ajudar,

— Leva apenas o que conseguires e vamos embora daqui — bramava uma voz de homem.

— Merda, a minha perna! A minha perna rebentou! — bradava um aldeão.

— Como podemos escapar? Berravam várias pessoas, correndo em pânico.

— Não consigo encontrar a minha mãe! Mamã! Mamã! — bradava a voz de uma criança.

Ezio teve que escudar o seu coração. Não podia ir ao auxílio de todos; não havia tempo. Mas se conseguisse organizar a defesa correctamente, salvar-se-iam mais pessoas do que se perderiam.

— *Aiuto! Aiuto!* — gemia uma rapariga adolescente atacada por tropas dos Bórgia que forçavam a entrada na aldeia.

Ezio cavalgou pesaroso em frente. Iria matá-los. Matá-los a todos, se pudesse. Quem era este impiedoso César Bórgia? Poderia ele ser pior que o Papa? Poderia alguma vez haver um Templário mais malvado?

— Água! Água! Tragam água! — clamava uma voz de um homem desesperadamente. — Está tudo a arder!

— Onde estás tu, por favor, oh Deus? Onde estás tu, Marcello? — vo-  
ciferava uma voz de mulher.

Ezio continuou a cavalgar, de boca fechada mas com os gritos de ajuda ainda a ecoarem nos ouvidos: *Comè usciamo di qui?*

— Corram! Corram! — levantavam-se vozes contra o som do bombardeamento. Havia gritos e choros, pedidos desesperados de ajuda, por uma forma de sair da aldeia sitiada enquanto as impiedosas tropas dos Bórgia lançavam salvas sobre salvas de canhão.

*Por favor, Deus, que eles não penetrem nas muralhas antes que as nossas próprias armas sejam postas em campo* pensou Ezio e, embora conseguisse ouvir as explosões à medida que os sacres e falconetes cuspiam disparos contra os atacantes, ainda não conseguia ouvir o estrondo das grandes armas que tinha encontrado no dia anterior, o único canhão que poderia estilhaçar as enormes torres de cerco em madeira que as forças Bórgia faziam rolar em direcção às muralhas da cidade.

Ezio espicacou o cavalo pela rampa acima até às muralhas e desmontou assim que atingiu o ponto onde tinha visto o armeiro-chefe pela última vez, ao lado do canhão de três metros. Agora estava perfeitamente sóbrio e orientava os artilheiros para apontarem a arma contra uma torre cujos atacantes altamente treinados estavam a empurrar lentamente mas com sucesso em direcção aos baluartes. Ezio podia ver que o seu topo condizia com a altura das ameias no topo das muralhas.

— Miseráveis — murmurou. Mas como podia alguém ter previsto a velocidade e, até Ezio tinha de o admitir para si mesmo, a mestria da perfeição do ataque?

— Fogo! — gritou o sargento-chefe grisalho que comandava a primeira arma grande. O enorme canhão emitiu um estrondo e deu um coice, mas a bala saiu ao largo e apenas rasgou uma lasca de madeira de um canto do telhado da torre de cerco.

— Tentem acertar na merda das torres, seus palermas! — gritava o sargento.

— Senhor, precisamos de mais munições!

— Então vão aos armazéns e despachem-se! Vejam! Eles estão a investir sobre o portão!

Entretanto, o outro canhão ribombava e disparava. Ezio ficou satisfeito de ver um grupo de atacantes esmagados num mar de sangue e ossos.

— Recarregar! — gritava o sargento. — Disparar de novo quando eu disser!

— Esperem até a torre estar mais próxima — ordenou Ezio — depois apontem para a base. Isso irá fazer com que venha tudo abaixo. Os nossos besteiros podem acabar com os sobreviventes.

— sim senhor.

O armeiro aproximou-se.

— Aprendes as táticas depressa — disse a Ezio.

— É instinto.

— Um bom instinto vale cem homens no campo de batalha — replicou o armeiro. — Mas falhaste os treinos de tiro hoje de manhã. Não há desculpa para isso.

— Então e tu? — disse Ezio.

— Anda — sorriu o armeiro — temos mais um destes canhões a cobrir o flanco esquerdo e o comandante dessa equipa de artilharia está morto; levou com uma flecha de besta no meio da testa. Já estava morto antes de cair no chão. Vais substituí-lo. Eu tenho trabalho que chegue a certificar-me que nenhuma das armas aquece demais ou se racha.

— Muito bem.

— Mas toma cuidado na pontaria. As tropas da tua namorada estão lá fora a lutar contra os Bórgia. Não queremos acertar neles.

— Que namorada?

O armeiro piscou o olho.

— Por favor, Ezio. Esta é uma vila muito pequena.

Ezio dirigiu-se para a segunda arma grande. Um artilheiro estava a molhá-la com uma esponja para a arrefecer depois de ter sido disparada enquanto um outro a estava a carregar pela boca pólvora comprimida e uma bala de ferro de vinte quilos. Um terceiro homem preparava o rastilho lento, acendendo-o nas duas pontas para que não houvesse atraso caso uma delas se apagasse acidentalmente no momento do contacto.

— Vamos — disse Ezio ao aproximar-se.

— *Signore!*

Olhou pelo campo para lá da muralha. A relva verde estava salpicada com sangue e os corpos jaziam em pedaços entre as folhas de trigo. Ezio conseguia ver as fardas amarelas, negras e azuis dos homens de Catarina misturadas com o roxo e amarelo das túnicas dos Bórgia.

— Façam com que algumas das armas mais pequenas ataquem aqueles indivíduos. Digam-lhes para apontarem para o negro e dourado — rugiu Ezio. — E vamos apontar este canhão à torre de cerco ali. Está-se a aproximar demasiado para estarmos à vontade, temos de a eliminar.

Os artilheiros viraram o canhão ao contrário e apontaram o cano à base da torre que se aproximava, que já estava a menos de cinquenta metros das muralhas por esta altura.

Ezio estava ocupado a dirigir a pontaria quando um pequeno canhão perto dele foi atingido. Explodiu, atirando bronze em brasa em todas as direcções. Um artilheiro de Ezio, que estava a centímetros dele, ficou com a cabeça e ombros decepados pelos estilhaços. Os braços do homem caíram

ao chão, seguido do resto do seu corpo, a jorrar sangue como uma fonte. O odor intenso a carne queimada encheu as narinas de Ezio ao saltar para tomar o lugar do artilheiro.

— Mantenham a coragem — gritou para o resto da equipa. Semicerrou os olhos atrás da mira. — Firmes... e ... fogo!

O canhão trovejou enquanto Ezio saltava para o lado e observava a bala esmagar a base da torre. Teria aquele tiro sido suficiente? A torre desequilibrou-se bastante, pareceu endireitar-se e depois, Deus! Despedaçou-se no chão, como que em câmara lenta, a projectar alguns dos homens que estavam dentro dela e a esmagar outros. Os gritos das mulas feridas que a estavam a arrastar em frente juntavam-se à cacofonia de pânico e morte, sempre presentes em todas as batalhas. Ezio observou as tropas de Catarina a avançarem rapidamente para eliminar os sobreviventes Bórgia feridos e confusos. Ela própria encabeçava o ataque; a sua armadura de peito em prata brilhava na luz fria do sol. Ezio viu-a mergulhar a sua espada sobre o olho direito de um capitão Bórgia e para dentro do crânio. O corpo do soldado contorceu-se em agonia de morte durante um longo momento, suspenso pela ponta da espada e a tentar inutilmente agarrar e tirar a espada firmemente empunhada.

No entanto, não havia tempo para tirar satisfação do seu triunfo ou descansar sobre os louros. Ao olhar sobre os baluartes, Ezio conseguia ver as tropas Bórgia a trazer gigantescos aríetes em direcção ao portão principal e, ao mesmo tempo, ouviu o grito de aviso de Catarina. *Vamos enviar mil homens para Forlì para a ajudar contra este bastardo que é César*, disse a si mesmo.

— Se eles entrarem, matar-nos-ão a todos — disse uma voz junto a si. Ezio virou-se e viu que era o velho sargento-chefe. Tinha perdido o capacete e uma ferida na cabeça com mau aspecto vertia sangue.

— Temos de tirar as pessoas daqui. Já.

— Algumas já conseguiram fugir, mas aqueles com mais dificuldades estão encurralados.

— Vou tratar disso — disse Ezio, lembrando-se do aviso de Mário. — Assuma o comando, Ruggiero. Olha! Ali! Eles têm uma torre mesmo ao lado dos baluartes! Os seus homens estão a atacar a muralha! Leva mais alguns dos nossos homens para lá antes que eles nos conquistem.

— Sim, senhor! — e o sargento desapareceu a gritar ordens para um pelotão que se juntou rapidamente sob o seu comando e que, dentro de segundos, combatia corpo-a-corpo contra os malévolos mercenários Bórgia.

Ezio, a empunhar a espada e a abrir caminho com ela através das tropas inimigas que vinham contra ele, conseguiu atingir o aldeamento. Organizou rapidamente um grupo dos homens de Catarina que tinham

sido forçados a retirarem-se para dentro da vila quando a balança da batalha voltou novamente a pesar em favor dos Bórgia. Fez o seu melhor para reunir os aldeãos restantes e levá-los para a segurança relativa da cidadela. Assim que concluiu a tarefa, Catarina juntou-se a ele.

— Novidades? — perguntou Ezio.

— Más notícias — acrescentou ela. — Eles destruíram o portão principal. Estão a entrar dentro da vila.

— Então não temos um minuto a perder. Temos de bater todos em retirada para a cidadela.

— Vou juntar o resto dos meus homens.

— Venham rápido. Viste o Mário?

— Ele estava a combater do lado de fora das muralhas.

— E os outros?

— A tua mãe e a tua irmã já estão na cidadela. Elas têm estado a guiar os cidadãos pelo túnel de fuga que vai para o norte, para lá das muralhas e para a segurança.

— Ótimo. Tenho de ir, então. Juntem-se a nós o mais rápido que conseguirem. Vamos ter de bater em retirada.

— Matem-nos a todos — gritava um sargento Bórgia ao virar a esquina, encabeçando um pequeno batalhão de homens. Todos eles empunhavam espadas ensanguentadas por cima dos ombros e um homem brandia um espigão com uma cabeça de uma rapariga na ponta. Ezio ficou com um nó na garganta ao reconhecer a sua face; era Angelina. Com um rugido, atirou-se para cima dos soldados Bórgia.

Seis contra um não era nada para ele. A esquartejar e a apunhalar, dentro de segundos já se encontrava de pé no meio de um círculo de homens moribundos e incapacitados, com o peito a palpitar e a respirar intensamente do esforço.

O sangue saiu dos seus olhos. Catarina tinha-se ido embora. Após limpar o suor, o sangue e a sujidade da sua cara, Ezio encaminhou-se de volta para a cidadela, ordenando aos homens que a guardavam para apenas a abrirem para Mário e Catarina. Subiu à torre interior e olhou para baixo, onde a vila ardia.

Além do crepitar das chamas e dos gemidos isolados dos feridos e moribundos, as coisas estavam sinistramente silenciosas.

No entanto, o silêncio não durou muito tempo. Enquanto Ezio verificava que o canhão nos baluartes estava correctamente alinhado e carregado, uma poderosa explosão escancarou os gigantescos portões de madeira da cidadela, projectando os seus defensores para o meio do pátio, imediatamente abaixo das ameias onde Ezio se encontrava, e matando muitos.

À medida que o fumo e poeira se dissipavam, Ezio conseguia distinguir um grupo de pessoas de pé à entrada. O seu tio Mário parecia enca-beçá-las, mas evidentemente algo de muito errado se passava. A sua cara estava cinzenta e esvaída de sangue. Também aparentava estar muito mais velho que os seus sessenta e dois anos. Os seus olhos cruzaram-se com os de Ezio e este saltou de cima das ameias para confrontar o novo perigo. Mário caiu de joelhos, depois de cara no chão. Debateu-se para se levantar, mas uma espada longa e fina, uma Bilbao, foi projectada por entre os seus ombros. O jovem atrás dele empurrou-o de novo para a gravilha com a biqueira da sua bota negra e um rasto de sangue escorreu pelo canto da boca do velho.

O jovem estava vestido de negro e uma máscara preta cobria-lhe parte da cara perversa. Ezio reconheceu as pústulas da Nova Doença na pele do homem. Tremeu por dentro. Não havia dúvidas sobre quem era aquele que defrontava.

Ao lado do homem de negro estavam dois outros, ambos no início da meia-idade, e uma mulher loira lindíssima com lábios cruéis. Um outro homem, também vestido de negro, estava mais afastado e um pouco para um dos lados. Segurava um sabre manchado de sangue na sua mão direita e, na esquerda, segurava uma corrente que estava presa a uma pesada coleira à volta do pescoço de Catarina Sforza, amarrada e amordaçada. Os seus olhos brilhavam de uma raiva e provocação insaciáveis. O coração de Ezio parou; ele não conseguia acreditar que ainda naquela manhã ele a tinha abraçado novamente, e agora ela tinha sido capturada pelo desprezível líder

Bórgia. Como poderia estar isto a acontecer? Os seus olhos cruzaram-se com os dela por um instante do outro lado do pátio, com a promessa que ela não ficaria prisioneira durante muito tempo.

Sem tempo para racionalizar tudo o que se estava a desenrolar à sua volta, o instinto de soldado de Ezio tomou conta de si. Tinha de agir agora ou iria perder tudo. Avançou, fechou os seus olhos e deu um passo para fora da ameia com a sua capa a esvoaçar atrás dele; era um salto de fé para o pátio em baixo. Aterrou de pé com uma graciosidade praticada e levantou-se para defrontar os seus inimigos com uma determinação fria gravada na cara.

O armeiro-chefe ergueu-se a cambalear, com dificuldades devido a uma perna ferida, e ficou de pé ao lado de Ezio.

— Quem são estas pessoas? — vociferou.

— Oh — disse o jovem de negro —, nós não nos apresentámos. Que falha a nossa. Mas claro que te conheço, Ezio Auditore, nem que seja só por reputação. Que prazer. Por fim vou poder remover o maior espinho no meu flanco. Depois do teu tio morto, é claro.

— Afasta-te dele, César!

Uma sobranceira subiu e os olhos escuros flamejaram na cara defeituosa mas bem-parecida.

— Oh, fico tão lisonjeado por teres adivinhado o meu nome correctamente. Mas deixa-me apresentar-te a minha irmã Lucrecia. — Virou-se para acariciar a loira de uma forma nada própria para um irmão, enquanto ela apertava o seu braço e encostava os seus lábios perigosamente perto da boca dele. — E os meus companheiros mais próximos, João Bórgia, meu primo, amigo e banqueiro; o meu querido aliado Octavien de Valois e, por último, o meu braço direito indispensável, Micheletto da Corella. Que faria eu sem os meus amigos?

— E o dinheiro do teu pai.

— Uma piada de mau gosto, meu amigo.

Enquanto Ezio falava, as tropas dos Borgia moviam-se como fantasmas pela cidadela adentro. Ezio não tinha forma de os parar já que os seus próprios homens, em minoria total, foram rapidamente subjugados e desarmados.

— Mas eu sou um bom soldado, e parte da diversão está em escolher um apoio eficiente — continuou César. — Devo admitir que não pensei que fosses assim tão manso. Mas claro, não estás a ficar mais novo, pois não?

— Vou matar-te — disse Ezio calmamente. — Vou eliminar-te e à tua espécie da face da terra.

— Hoje não — disse César, a sorrir. — E olha bem para o que eu tenho, cortesia do teu tio — Uma mão enluvada mergulhou dentro de uma bolsa presa de lado e, de dentro dela, surgiu, para o horror de Ezio, a Maçã!

— É uma maquinação útil — disse César, com um sorriso amarelo. — Leonardo da Vinci, o meu novo conselheiro militar, diz-me que já sabe muito sobre ela, portanto estou esperançoso que ele me dê mais pormenores, o que imagino que faça se quiser manter a cabeça agarrada ao corpo. Artistas... não valem nada, estou certo que concordarás.

Lucrecia sorria friamente a tudo isto.

Ezio olhou para o seu velho amigo, mas da Vinci recusava-se a olhar para ele. No chão, Mário mexia-se e gemia. César empurrou a sua cara contra o chão com a sua bota e puxou de uma arma. Ezio percebeu de imediato que era um novo modelo e lamentou a destruição da maioria das suas armas do Codex no início do ataque.

— Isso não é uma pistola de mecha — disse o armeiro com perspicácia.

— É uma pistola de pederneira — disse César. — Evidentemente não és nenhum parvo — acrescentou, dirigindo-se ao armeiro. — É muito mais previsível e eficiente que as velhas armas. Leonardo desenhou-a para mim. Também se recarrega rapidamente. Queres ver uma demonstração?

— Claro que sim! — respondeu o armeiro, com a curiosidade profissional a sobrepor-se a todos os outros instintos.

— Com certeza — disse César, apontando-lhe a pistola e matando-o de imediato. — Recarregar, por favor — continuou, passando a arma ao General Octavien e puxando uma arma igual do seu cinto. — Tivemos tanto derramamento de sangue — prosseguiu —, logo, é preocupante pensar que é necessária mais uma limpeza. Não importa. Ezio, gostaria que tomasse isto com a intenção certa; da minha família para a tua.

Inclinando-se ligeiramente e colocando um pé no meio das costas de Mário, puxou a espada, deixando o sangue escorrer. Os olhos de Mário abriram-se de dor enquanto tentava rastejar na direcção do sobrinho.

César aproximou-se e disparou a pistola à queima-roupa na cabeça de Mário, a qual rebentou com o tiro.

— Não! gritou Ezio com a memória do assassinato brutal do seu pai e irmãos a passar-lhe à frente dos olhos. — Não! — atirou-se contra César, com a agonia da perda a sobrepor-se descontroladamente.

Enquanto Ezio saltava para a frente, o General Octavien já tinha recarregado a arma. Ezio vacilou, sufocado e o mundo apagou-se.



Quando Ezio recuperou os sentidos, a balança da batalha tinha virado de novo e os atacantes Bórgia tinham sido repelidos para fora das muralhas da cidadela. Apercebeu-se que estava a ser arrastado para a segurança enquanto os soldados que tinham reconquistado a *rocca* fecharam o portão partido com uma barricada, juntaram dentro das muralhas todos os cidadãos de Monteriggioni que restavam e começaram a organizar a sua fuga para o campo. Não havia forma de saber quanto tempo conseguiriam aguentar contra as forças decididas dos Bórgia, cuja energia parecia ser ilimitada.

Ezio soube de tudo isto pelo sargento-chefe grisalho enquanto recuperava.

— Fique quieto, Senhor.

— Onde estou?

— Numa maca. Vamos levá-lo ao santuário. O santuário interior. Ninguém vai chegar lá.

— Pousa-me. Eu consigo andar.

— Temos de cuidar dessa ferida.

Ignorando-o, Ezio gritou uma ordem para os soldados que carregavam a maca. Mas, quando se levantou, a sua cabeça começou a andar à roda.

— Não consigo lutar assim.

— Oh Deus, aí vêm eles outra vez — exclamou o sargento quando uma torre de cerco chocou contra os torreões superiores da cidadela, vomitando mais uma tropa de soldados Bórgia.

Ezio virou-se para os enfrentar, com a cabeça a sair lentamente da escuridão e o seu autocontrolo determinado a sobrepor-se à dor ardente do ferimento da bala. Assassinos *condottieri* rodearam-no rapidamente e repeliram os homens de César. Conseguiram bater em retirada com poucas baixas mas, ao chegarem ao interior da vastidão interna do castelo, Cláudia gritou de uma entrada, ansiosa por saber do estado do irmão. Assim que ela de um passo em frente, um capitão Bórgia correu contra ela, empunhan-

do uma espada ensanguentada. Ezio olhou horrorizado, mas recuperou a compostura o suficiente para gritar aos seus homens. Dois combatentes Assassinos correram na direcção da irmã de Ezio, chegando mesmo a tempo de se colocarem entre ela e a lâmina do assassino Bórgia. Saltaram faíscas das três lâminas em contacto quando os dois Assassinos levantaram as suas lâminas em simultâneo para bloquearem o golpe final. Cláudia caiu para o chão, de boca aberta num grito silencioso. O mais forte dos soldados Assassinos, o sargento-chefe, empurrou a espada do inimigo para o ar, prendendo os cabos nas guardas de mão, enquanto o outro Assassino puxou a sua lâmina atrás e apunhalou o capitão Bórgia na barriga. Cláudia recuperou a compostura e levantou-se lentamente. Em segurança entre as tropas Assassinas, correu em direcção a Ezio, rasgou uma tira de algodão das saias e pressionou-a contra o seu ombro. O algodão branco rapidamente se tornou vermelho do sangue da ferida.

— Merda! Não corras riscos destes! — disse-lhe Ezio, agradecendo ao sargento enquanto os seus homens repeliavam o inimigo, atirando uns do alto das ameias e deixando outros escapar.

— Temos de te levar até ao santuário interior — clamou Cláudia. — Vamos!

Ezio permitiu que o carregassem novamente, tinha perdido muito sangue. Entretanto, os cidadãos da vila que restavam, aqueles que ainda não tinham conseguido escapar, amontoaram-se à sua volta. Monteriggioni estava deserta e sob o controle total das forças Bórgia. Apenas restava a cidadela nas mãos dos Assassinos.

Chegaram finalmente ao seu objectivo: a sala cavernosa fortificada debaixo da muralha norte do castelo, ligada ao edifício central por uma passagem secreta que vinha da biblioteca de Mário. Mas tinha sido mesmo a tempo. Um dos seus homens, um ladrão Veneziano chamado Paganino, que tinha em tempos estado sob o controle de António de Magianis, estava prestes a fechar a porta secreta para a escadaria enquanto o último dos fugitivos atravessava.

— Pensámos que tinha sido morto, *Ser Ezio!* — bradou.

— Eles ainda não me apanharam — retorquiu Ezio pesaroso.

— Não sei o que fazer. Onde nos leva esta passagem?

— Para norte, para fora das muralhas.

— Então é verdade. Nós sempre pensámos que era uma lenda.

— Bom, agora já sabem — disse Ezio, olhando para o homem e pensando se, no calor do momento, não teria dito demasiado a uma pessoa que mal conhecia. Ordenou ao sargento para fechar a porta mas, no último instante, Paganino escapou-se de volta para o edifício principal.

— Onde vais?

— Quero ajudar as defesas. Não se preocupe, Eu indico-lhes o caminho para aqui.

— Tenho de trancar esta porta. Se não vieres agora, estás por tua conta.

— Eu desenvencilho-me, senhor. É o que faço sempre.

— Então vai com Deus. Tenho de assegurar a segurança destas pessoas.

Ezio olhou para as pessoas agrupadas no santuário. Na escuridão conseguia ver, entre os fugitivos, as feições não só de Cláudia, mas da sua mãe. Suspirou de alívio para si mesmo.

— Não há tempo a perder — disse-lhes, trancando a porta atrás dele com uma viga de ferro de tamanho considerável.

A mãe e irmã de Ezio trataram adequadamente a sua ferida com rapidez e apuseram-no de pé. Então, Ezio deu ordens ao sargento-chefe para girar a alavanca escondida que tinha sido construída como parte da estátua do Mestre Assassino Leonius, que se erguia ao lado da gigantesca chaminé ao centro da parede norte do santuário. A porta escondida abriu-se, revelando o corredor pelo qual as pessoas podiam escapar para a segurança do campo a um quilómetro para lá dos limites da cidade.

Cláudia e Maria estavam à entrada, indicando a passagem aos aldeões. O sargento-chefe tinha ido à frente com um pelotão com tochas para guiar e proteger os refugiados à medida que fugiam.

— Depressa! — incitava Ezio para que os cidadãos entrassem pela boca escura do túnel. — Não entrem em pânico. Sejam rápidos mas não corram. Não queremos atropelamentos no túnel.

— E que será de nós? Que será de Mário? — perguntou a sua mãe.

— Mário; que posso eu dizer? Mário foi morto. Quero que tu e Cláudia se dirijam para casa, para Florença.

— Mário está morto? — gemeu Maria.

— O que há em Florença para nós? — perguntou Cláudia.

Ezio abriu as mãos.

— A nossa casa. Lorenzo de Médici e o seu filho tomaram a iniciativa de restaurar a mansão Auditore para nós e a sua palavra é de confiança. Agora a cidade está de novo sob o controle da *Signoria*, e eu sei que o Governador Soderini olha bem por ela. Vão para casa. Coloquem-se sob os cuidados de Paola e Annetta. Juntar-me-ei a vós assim que puder.

— Tens a certeza? Aquilo que ouvimos sobre a nossa velha casa foi muito diferente. *Messer Soderini* chegou demasiado tarde para a salvar. De qualquer forma, queremos ficar contigo, queremos ajudar-te.

Os últimos aldeões seguiam agora em fila para dentro do túnel e, en-

quanto o faziam, ouviu-se um grande estrondo de marteladas e batidas sobre a porta que dividia o santuário do mundo exterior.

— O que foi isto?

— São as tropas Bórgia. Despachem-se! Despachem-se!

Orientou a sua família para o túnel, colocando no final as poucas tropas sobreviventes dos Assassinos.

Era uma passagem dura pelo túnel e, quando estavam a meio, Ezio ouviu um som dilacerante assim que os homens Bórgia partiram a porta para o santuário. Depressa também eles estariam no túnel. Apressou as pessoas ao seu cuidado, bradando aos mais atrasados para se despacharem e ouviu os passos pesados de soldados armados a correrem pelo túnel atrás deles. Assim que o grupo passou para lá de uma ombreira que terminava uma secção da passagem, Ezio agarrou numa alavanca na parede e, depois do último dos Assassinos fugitivos ter passado, puxou-a com força, soltando o portão levadiço. Quando caiu num estrondo, o primeiro dos seus perseguidores já os tinha apanhado, tendo ficado entalado pelo ferro pesado do portão. Os seus gritos de agonia encheram a passagem. Ezio já tinha seguido em frente, seguro que tinha dado aos seus tempo um precioso para conseguirem fugir.

Após o que pareceu serem horas, mas teriam sido apenas minutos, a inclinação da passagem pareceu ter mudado, nivelando-se e elevando-se ligeiramente. O ar parecia menos bafiento agora que estavam quase fora. Justamente nesse momento ouviram um grande ribombar ininterrupto de fogo de canhão. Os Bórgia deviam ter soltado o seu poderio sobre a cidade num gesto final de profanação. A passagem tremeu e caíram montes de pó do tecto. Conseguia-se ouvir o som de derrocadas, a princípio muito baixo, mas a ficar perigosamente mais alto.

— *Dio, ti prego, salvaci.* O telhado está a cair! — soluçava um dos aldeões. Os outros começaram a gritar assim que o medo de ficarem enterrados vivos se apoderou da multidão.

Subitamente, o telhado do túnel pareceu abrir-se e um monte de destroços caiu em cascata. Os fugitivos correram para a frente, na tentativa de fugirem das pedras que caíam, mas Cláudia não reagiu suficientemente rápido e desapareceu numa nuvem de pó. Ezio voltou-se alarmado ao ouvir a sua irmã a gritar, mas sem a conseguir ver.

— Cláudia! — gritou, com pânico na voz.

— Ezio! — ouviu-se a resposta e, à medida que o pó se dissipou, Cláudia saiu cuidadosamente por entre os escombros.

— Graças a Deus que estás bem. Caiu alguma coisa em cima de ti? — perguntou.

— Não, estou bem. A mãe está bem?

— Estou bem — respondeu Maria.

Limparam o pó, agradeceram aos deuses por terem sobrevivido até aqui e acabaram de fazer a última parte da passagem. Por fim atingiram o ar livre. Nunca a erva e a própria terra tinham cheirado tão bem.

A boca do túnel estava separada do campo por uma série de pontes de corda penduradas ao longo de ravinas. Tinha sido pensada desta forma por Mário como parte de um grande plano de fuga. Monteriggioni iria sobreviver à profanação dos Bórgia. Assim que os Bórgia a arrasassem, já não teria interesse para eles, mas Ezio iria voltar a seu tempo e reconstruí-la novamente como a orgulhosa fortificação dos Assassinos. Ezio tinha a certeza disso. Prometeu a si mesmo que seria mais que isso; seria um monumento ao seu nobre tio, que tinha sido impiedosamente lacerado.

Já estava farto das depredações impostas à sua família por uma baixeza sem nexos.

Ezio planeava deitar as pontes abaixo atrás deles depois de fugirem, mas o seu progresso era lento devido aos mais idosos e feridos que ficavam para trás. Nas suas costas ouviu os gritos e passadas dos seus perseguidores a aproximarem-se rapidamente. Ele mal podia levar qualquer pessoa às costas, mas conseguiu carregar ao ombro uma mulher que não andava devido a uma perna magoada e arrastar-se pela primeira ponte de corda que balançava perigosamente sob o seu peso.

— Vamos! Gritou, encorajando a retaguarda que já estava a defrontar-se contra os soldados Bórgia. Aguardou no outro lado até que o último dos seus homens se encontrasse em segurança, mas dois dos Bórgia também tinham conseguido atravessar. Ezio saiu-lhes ao caminho e, usando o seu braço bom para empunhar a sua espada, atacou o inimigo. Mesmo limitado pelo ferimento, Ezio estava mais do que à altura para os seus adversários. A sua espada bloqueava os ataques numa mancha de aço, ocupando-se das duas lâminas ao mesmo tempo. Dando um passo para o lado, agachou-se para se desviar de uma investida de um dos homens e, ao mesmo tempo, usou a sua espada para esquartejar a rótula entre a armadura na perna do homem. O soldado caiu, com a perna inutilizada. O outro atacante atirou-se a Ezio, pensando que este estava desequilibrado, mas Ezio já tinha rolado para o lado quando a lâmina ricocheteou contra as rochas e enviou pedaços de pedra pela ravina abaixo. O homem estremeceu ao sentir a vibração do golpe pela espada acima, abalando os ossos da sua mão e braço. Ezio viu a sua oportunidade e, pondo-se de pé, ergueu a sua espada sobre o braço rebaixado do seu inimigo e contra a sua face. O homem caiu e, num único movimento contínuo, Ezio levou a sua lâmina contra as cordas que apoiavam a ponte. Cortaram-se instantaneamente, chicoteando

violentamente para trás pela ravina. A ponte desmoronou-se para longe dos rochedos e os homens Bórgia que tinham começado a atravessá-la caíram aos gritos pelo abismo abaixo.

Ao olhar para o outro lado da ravina, Ezio viu César. Ao seu lado estava Catarina, ainda agrilhoada em correntes que Lucrecia, com um ar pérfido, segurava. João Bórgia, o morbidamente pálido Micheletto e o francês suado, General Octavien, estavam a seu lado.

César acenava qualquer coisa a Ezio.

— A tua é a seguir! — gritava em fúria.

Ezio conseguia ver que era a cabeça do seu tio.

Agora havia apenas um lugar para Ezio ir. O caminho em frente para as tropas de César estava cortado e iria demorar-lhes dias até conseguirem dar a volta à ravina e chegarem até aos Assassinos sobreviventes. Orientou os refugiados para vilas fora do controle dos Bórgia, pelo menos por enquanto, onde iriam encontrar protecção: Siena, San Gimignano, Pisa, Lucca, Pistoia e Florença. Tentou também incutir na sua mãe e na irmã a sensatez de voltar para a segurança de Florença, independentemente do que tivesse acontecido à Villa Auditore, apesar das memórias tristes que a cidade continha e do facto de ambas estarem apoderadas de um desejo compulsivo de vingar a morte de Mário.

O próprio Ezio estava a caminho de Roma onde, ele sabia-o, César iria reagrupar-se. Poderia até ser que César, na sua arrogância, pensasse que Ezio estava derrotado ou morto na estrada como uma carcaça. Se assim fosse, então seria apenas uma vantagem para o Assassino. No entanto, havia outra coisa que assombrava Ezio. Com Mário morto, a Irmandade não tinha líder. Maquiavel era uma força poderosa dentro dela e, de momento, ele não parecia ser amigo de Ezio. Isto era algo que tinha de ser resolvido.

Juntamente com os sobreviventes humanos, restavam na vila alguns animais, incluindo o grande cavalo castanho de que Mário tanto gostava. Ezio montou o corcel, agarrado pelo velho mestre das cavalaria que também tinha conseguido escapar, embora a maioria dos seus cavalos tivesse sido capturada pelos Bórgia.

Segurando as rédeas do cavalo, despediu-se da sua mãe e irmã.

— Tens mesmo de ir para Roma? — perguntou Maria.

— Mãe, a única forma de ganhar esta guerra é levá-la ao inimigo.

— Mas como podes tu ser bem-sucedido contra as forças dos Bórgia?

— Não sou o seu único inimigo. E para além disso, Maquiavel já lá está. Devo fazer as pazes com ele para que possamos trabalhar juntos.

— César tem a Maçã — disse Cláudia sobriamente.



— Temos de rezar para que ele não domine os seus poderes — respondeu Ezio, embora interiormente sentisse uma grande apreensão. Leonardo estava agora sob a alçada de César e Ezio conhecia bem a inteligência do seu antigo amigo. Se Leonardo ensinasse a César os mistérios da Maçã; pior, se Rodrigo voltasse a apoderar-se dela...

Abanou a cabeça para se livrar daqueles pensamentos. Havia tempo para enfrentar a ameaça da maçã quando esta se apresentasse.

— Não devias cavalgar agora. Roma está a quilómetros a sul. Não podes ao menos esperar um dia ou dois? — perguntou Cláudia.

— Os Bórgia não vão descansar e o mau espírito dos Templários está com eles — acrescentou Ezio secamente. — Ninguém irá dormir descansado até que o seu poder seja destruído.

— E se nunca o for?

— Não devemos desistir de lutar nunca. No segundo em que fizermos isso, teremos perdido.

— *È vero* — os ombros de sua irmã encolheram-se, mas endireitou-os de seguida. — A luta não deve ser abandonada nunca — disse ela firmemente.

— Até à morte — disse Ezio.

— Até à morte.

— Toma cuidado na estrada.

— Toma cuidado na estrada.

Ezio inclinou-se do cimo da sua sela para beijar a sua mãe e a sua irmã antes de dar a volta com o cavalo em direcção à estrada para sul. A sua cabeça latejava com a dor do ferimento e dos rigores da batalha. Maior que esta era a dor no seu coração e na sua alma devido à perda de Mário e à captura de Catarina. Tremeu ao pensar nela sob as garras da malévola família Bórgia. Ele conhecia bem que destino a aguardava nas mãos deles. Teria que contornar as tropas Bórgia, mas o seu coração dizia-lhe que agora que o objectivo principal de César (quebrar a fortaleza dos Assassinos) tinha sido atingido, este iria para casa. Também havia a questão da segurança de Catarina, embora Ezio soubesse que, se houvesse alguém capaz de lutar até ao fim, seria ela.

A coisa mais importante era lancetar a chaga que estava a infectar Itália, e lancetá-la depressa, antes que infectasse todo o território.

Ezio cravou fortemente os calcanhares nos flancos do cavalo e galopou para sul pela estrada poeirenta.

A sua cabeça toldava-se do cansaço, mas obrigou-se a se manter acordado. Jurou não descansar até chegar à capital decaída do seu país sitiado. Tinha quilómetros a percorrer antes de poder dormir.

Quão estúpido tinha ele sido a cavalgar durante tanto tempo ferido e tão longe para sul, parando apenas para dar descanso ao cavalo. Trocar de cavalo teria sido mais sensato, mas o corcel acastanhado, Agnella, era o seu último elo de ligação a Mário.

Onde estava ele? Lembrava-se de um subúrbio decrépito e duvidoso e, depois disso, um arco amarelo em pedra, majestoso em tempos; uma porta de entrada de tempos idos que furava as muralhas outrora magníficas de uma cidade.

O impulso de Ezio era o de juntar-se a Maquiavel para corrigir o mal que tinha cometido ao não se ter certificado que Rodrigo Bórgia estava morto.

Mas, por Deus, estava cansado.

Recostou-se na paleta em que se encontrava. Conseguia sentir o cheiro de palha seca; o seu odor trazia consigo um toque de estrume de vaca.

Onde estava ele?

Uma imagem de Catarina surgiu-lhe repentina e fortemente na sua mente. Ele tinha de a libertar. Eles tinham de ficar finalmente juntos.

Mas talvez ele também devesse libertar-se *dela*, embora parte do seu coração lhe dissesse que isto não era realmente o que ele queria. Como poderia ele confiar nela? Como poderia um homem simples alguma vez compreender os labirintos subtis da mente de uma mulher? Enfim, a tortura do amor não parecia ficar menos aguda com a idade.

Estaria ela a usá-lo?

Ezio sempre mantivera um espaço interior dentro do seu coração, um *sanctum sanctorum* que se mantinha trancado, até mesmo para os seus amigos mais íntimos: a sua mãe, que sabia disso e respeitava-o, a sua irmã e os seus falecidos irmãos e pai.

Teria Catarina sido subjugada? Ele não tinha sido capaz de impedir a morte do seu pai e irmãos e, por Cristo e a Cruz, tinha dado o seu melhor para proteger Maria e Cláudia.

Catarina era capaz de tomar conta de si mesma; ela era um livro que se mantinha fechado e, no entanto, como ele desejava lê-lo.

— Amo-te — gemia o seu coração para Catarina, fora do seu controle. A mulher dos seus sonhos por fim, numa fase tão adiantada da sua vida. Mas o seu dever, dizia a si mesmo, vinha primeiro e Catarina... Catarina nunca mostrava verdadeiramente a sua mão. Os seus enigmáticos olhos castanhos, o seu sorriso, a forma como ela lhe conseguia dar a volta com as suas longas e experientes mãos. A proximidade. A proximidade. Mas também o forte silêncio do seu cabelo, que cheirava sempre a baunilha e rosas...

Como poderia ele alguma vez confiar nela, mesmo quando ele encostava a cabeça ao seu peito, após terem feito amor intensamente, desesperadamente em busca de um sentimento de segurança?

Não! A Irmandade. A Irmandade. A Irmandade! A sua missão e o seu destino.

*Estou morto*, dizia Ezio para si mesmo. Já estou morto por dentro, mas irei acabar aquilo que tenho de fazer.

O sonho dissipou-se e as suas pálpebras abriram-se num piscar, revelando a vista de um decote largo mas com alguma idade a descer para cima de si, com a camisa que a mulher vestia a abrir-se como o Mar Vermelho.

Ezio sentou-se rapidamente. A sua ferida já estava adequadamente tratada e a dor era tão vaga que quase não se sentia. À medida que os seus olhos clareavam, afigurou-se-lhe um pequeno quarto com paredes de pedra cortada em bruto. Cortinas de algodão cobriam as pequenas janelas e, num canto, estava aceso um fogão de ferro; o calor das cinzas vindo da porta aberta fornecia a única luz ao lugar. A porta estava fechada, mas fosse quem estava com ele dentro do quarto acendeu o remanescente de uma vela.

Uma mulher de meia-idade, que parecia uma camponesa, ajoelhou-se ao seu lado, justamente em frente ao seu ângulo de visão. A sua cara era afável enquanto cuidava do seu ferimento, repondo a cataplasma e o penso.

Estava dorido! Ezio retraiu-se com dores.

— *Calmatevi* — disse a mulher. — As dores irão acabar em breve.

— Onde está o meu cavalo? Onde está Campione?

— Em segurança. A descansar. Só Deus sabe o quanto ela merecia. Estava a sangrar da boca. Uma égua tão boa como aquela. O que estavas a fazer-lhe?

A mulher pousou a taça de água que segurava na mão e levantou-se.

— Onde estou eu?

— Em Roma, meu querido. *Messer* Maquiavel encontrou-te desmaia-

do na tua sela, com o teu cavalo a espumar da boca, e trouxe-te para aqui. Não te preocupes, ele pagou-me e ao meu marido o bastante para tomar conta de ambos. E mais umas moedas pela nossa discrição. Mas sabes como é *Messer Maquiavel*, quem o trair corre um grande risco. De qualquer forma, já temos feito este tipo de trabalho para a tua organização.

— Ele deixou alguma mensagem?

— Oh, sim. Deves encontrar-te com ele no Mausoléu de Augusto assim que estiveres bom. Sabes onde fica?

— É uma das ruínas, não é?

— Exactamente. Não que seja uma ruína menor que a maioria desta cidade horrível, hoje em dia. E pensar que isto foi em tempos o centro do mundo. Olha para isto agora: mais pequena que Florença e metade do tamanho de Veneza. Mas temos uma coisa de que nos podemos gabar — ela riu-se.

— E o que é?

— Apenas vivem cinquenta mil pessoas nesta degradada aldeia de uma cidade que em tempos se orgulhava de se chamar Roma, e sete mil delas são prostitutas. Isso deve ser um recorde — ela riu-se mais um pouco. — Não admira que todos estejam empestados com a Nova Doença. Não te deites com ninguém aqui — acrescentou ela —, se não queres cair aos bocados de sífilis. Até os cardeais a têm; e dizem que o próprio Papa e o seu filho sofrem dela.

Ezio lembrava-se de Roma como se de um sonho se tratasse. Agora era um sítio bizarro, cujas antigas muralhas apodrecidas tinham sido desenhadas para conter uma população de um milhão. Agora, a maioria da área tinha sido cedida para a agricultura.

Também se lembrava da devastação em ruínas do que outrora tinha sido o Grande Fórum em tempos antigos, mas onde agora pastavam ovelhas e cabras. As pessoas roubavam o mármore antigo esculpido e pedras porfíricas que jaziam aqui e ali pela erva para construir pocilgas ou moerem-nas para obterem cal. E, por entre a desolação dos pardieiros e ruas retorcidas e sujas, os grandes novos edifícios dos Papas Sisto IV e Alexandre VI erguiam-se obscenamente, como bolos de casamento sobre uma mesa onde não havia mais nada para comer a não ser pão bolorento.

O engrandecimento da Igreja estava confirmado, finalmente de volta do exílio papal em Avinhão. O Papa, a figura principal no mundo internacional, superando não só reis mas o próprio Santo Imperador Maximiliano, tinha novamente o seu assento em Roma.

Não tinha sido o Papa Alexandre VI que tinha dividido, no seu grande juízo, o continente das Novas Américas a sul entre os países colonizadores de Portugal e Espanha no tratado de Tordesilhas em 1494? Tinha

sido o mesmo ano em que a Nova Doença irrompeu em Nápoles, na Itália. Chamavam-lhe a Doença Francesa: *morbus gallicus*. Mas todos sabiam que tinha vindo do Novo Mundo com os marinheiros genoveses de Colombo. Era uma maleita desagradável. As caras e os corpos das pessoas enchiam-se de pústulas e chagas, e as suas faces ficavam frequentemente disformes e irreconhecíveis nas últimas fases.

Aqui em Roma os pobres contentavam-se com cevada e toucinho, se conseguissem arranjar toucinho, e as ruas sujas acolhiam o tifo, a cólera e a Peste Negra. Quanto aos cidadãos, por um lado havia os ostensivamente ricos enquanto a maioria se assemelhava a rebanhos e vivia nas mesmas condições.

Que contraste para a opulência dourada do Vaticano. A grande cidade de Roma tinha-se tornado num monte de lixo da história. Ao longo dos becos imundos nalgumas ruas, nos quais deambulavam agora cães selvagens e lobos, Ezio recordava-se de igrejas que estavam agora a cair aos bocados, palácios desertos e apodrecidos que o faziam lembrar do estado decrépito em que estaria provavelmente a sua casa familiar em Florença.

— Tenho de me levantar. Tenho de encontrar *Messer Maquiavel* — disse Ezio, abandonando as visões da sua mente com urgência.

— Cada coisa a seu tempo — replicou a enfermeira. — Ele deixou-te um conjunto de roupas novas. Veste-as quando estiveres pronto.

Ezio levantou-se mas, ao fazê-lo, a cabeça começou a andar à roda. Sacudiu-se para se orientar, depois vestiu o fato que *Maquiavel* lhe tinha deixado. Era novo e feito de linho, com um capuz de lã macia que tinha um bico como o de uma águia. Tinha luvas robustas mas macias e botas de pele espanhola. Vestiu-se, lutando contra a dor que o esforço lhe causava e, quando terminou, a mulher guiou-o a uma janela. Ezio apercebeu-se então que não estava num casebre diminuto qualquer, mas no que restava daquilo que em tempos tinha sido um grande palácio. Eles deviam estar no *piano nobile*. Suspirou ao ver o estado de desolação que se espalhava pela cidade em baixo. Um rato rastejava ousadamente por cima dos seus pés. Ezio pontapeou-o para longe.

— Ah, *Roma* — disse ironicamente.

— O que resta dela — repetiu a mulher, dando mais uma gargalhada.

— Obrigado, *Madonna*. A quem devo...?

— Sou a *Contessa Margherita degli Campi* — disse ela e, na luz escura, Ezio conseguiu finalmente ver as feições finas de uma cara em tempos bonita. — Ou o que resta dela.

— *Contessa* — disse Ezio, tentando manter a tristeza fora da sua voz enquanto fazia uma vénia.

— O *Mausoleo* é ali, respondeu ela, apontando a sorrir. — É ali que se devem encontrar.

— Não o consigo ver.

— É naquela direcção. Infelizmente, não se consegue ver do meu *palazzo*.

Ezio semicerrou os olhos na escuridão.

— E da torre daquela igreja?

Ela olhou para ele.

— A de Santo Stefano? Sim, mas está em ruínas. As escadas para a torre desmoronaram-se.

Ezio preparou-se. Precisava de chegar ao seu ponto de encontro o mais segura e rapidamente possível. Não queria demorar-se por causa dos pedintes, prostitutas e ladrões que infestavam as ruas dia e noite.

— Isso não deve ser problema — disse à mulher. — *Vi ringrazio di tutto quello che avete fatto per me, buona Contessa. Adio.*

— Não tens de quê — respondeu ela com um sorriso irónico. — Mas tens a certeza que estás capaz de ir tão cedo? Penso que devias ser visto por um médico. Eu podia recomendar-te um, mas já não tenho forma de lhe pagar. Limpei e tratei da tua ferida, mas não sou nenhuma especialista.

— Os Templários não esperam, nem eu posso — respondeu. — Mais uma vez, obrigado e adeus.

— Vai com Deus.

Saltou pela varanda para a rua, encolhendo-se no momento do impacto, e correu pela praça dominada pelo palácio decrépito em direcção à igreja. Perdeu a torre de vista por duas vezes e teve de voltar atrás. Foi abordado três vezes por pedintes leprosos e viu-se confrontado uma vez por um lobo que se esgueirava por um beco com o que parecia ser uma criança morta nos dentes. Atingiu finalmente o céu aberto em frente à igreja. Estava fechada com tábuas e os santos de calcário que adornavam a sua entrada estavam deformados devido ao abandono. Não sabia se podia confiar na construção em pedra degradada, mas não havia nada a fazer, tinha de trepar.

Conseguiu fazê-lo, embora tivesse escorregado por diversas ocasiões, sempre que sentia os pés a fugirem de alguma saliência na rocha que se desmoronava debaixo deles, deixando-o pendurado pelas pontas dos dedos. Continuava a ser um homem com força, apesar dos seus ferimentos, e conseguiu elevar-se para fora de perigo até que, por fim, atingiu o topo da torre que se elevava sobre o telhado principal. A cúpula do Mausoléu brilhava ligeiramente sob a luz da lua a vários quarteirões de distância. Ele iria para lá agora e esperaria que Maquiavel chegasse.

Ajustou a sua Lâmina Oculta, a espada e o punhal, e estava prestes a dar um salto de fé para cima de um carro de feno parado na praça em baixo quando o seu ferimento fez com que se contorcesse com dores.

— A *Contessa* tratou bem do meu ombro, mas tinha razão. Tenho de ir a um médico — disse a si mesmo.

Desceu dolorosamente a torre para a rua. Não fazia ideia de onde encontrar um médico, então dirigiu-se a uma estalagem, onde obteve indicações em troca de dois ducados, que também deram para um jarro do horrível Sanguineus, o que acalmou a sua dor um pouco.

Já era tarde quando chegou à porta da clínica do médico. Teve de bater várias vezes e com força antes de ouvir uma resposta abafada do lado de dentro; depois abriu-se uma fresta na porta e surgiu um homem gordo, de barba, com cerca de sessenta anos e uns óculos espessos. Parecia desgastado; Ezio conseguia sentir o cheiro de álcool no seu bafo e um dos seus olhos parecia maior que o outro.

— O que quer? — disse o homem.

— É o *Dottore* António?

— E se for...?

— Preciso da sua ajuda.

— É tarde — disse o médico, mas o seu olhar tinha-se desviado para o ferimento no ombro de Ezio e os seus olhos toraram-se cautelosamente mais compreensivos. — Vai-lhe custar um extra.

— Não estou em posição de discutir.

— Ainda bem. Entre.

O médico destrancou a porta e deu-lhe passagem. Ezio cambaleou agradecido para dentro da entrada em cujas vigas tinham pendurada uma colecção de potes de cobre e frascos de vidro, morcegos e lagartos secos, ratos e cobras.

O médico levou-o para uma divisão interior que continha uma secretária enorme, coberta por papéis desorganizados, uma cama estreita a um canto, um armário cujas portas abertas revelavam mais frascos e uma mala em pele, também aberta, contendo um conjunto de bisturis e serras em miniatura.

O médico seguia os olhos de Ezio e soltou um riso curto.

— Nós, os *medici*, somos apenas mecânicos finos — disse. — Deita-te na cama para eu dar uma vista de olhos. Antes disso, são três ducados, adiantados.

Ezio deu-lhe o dinheiro.

O médico destapou a ferida e apertou e empurrou até Ezio quase desmaiar com dores.

— Fica quieto! — resmungou o médico. Remexeu mais um pouco, verteu de um frasco um líquido que ardia sobre a ferida, secou-a com um bocado de algodão, pegou em ligaduras novas e envolveu a ferida novamente.

— Uma pessoa da sua idade não consegue recuperar de um ferimento destes com medicamentos — O médico remexeu no seu armário e encontrou um frasco de qualquer coisa com um aspecto meloso. — Mas está aqui qualquer coisa para acalmar a dor. Não o beba todo de uma vez. São mais três ducados, por falar nisso. E não se preocupe, irá cicatrizar com o tempo.

— *Grazie, dottore.*

— Quatro em cada cinco médicos teriam receitado sanguessugas, mas não são eficazes contra este tipo de ferimento. O que é? Se não fossem tão raras, diria que era de um tiro de pistola. Volte se precisar. Posso também recomendar vários colegas espalhados pela cidade.

— Custam tanto como o senhor?

O doutor António sorriu.

— Meu caro, eu saí-lhe barato.

Ezio saiu para a rua. Tinha começado a cair uma chuva ligeira e as ruas já estavam a ficar enlameadas.

— “Uma pessoa da sua idade” — resmungou. — *Che sobbalzo!*

Seguiu caminho de volta à estalagem, pois tinha reparado que havia quartos para arrendar. Iria ficar lá, comer qualquer coisa e dirigir-se para o Mausoléu de manhã. Depois, teria de esperar que o seu colega Assassino aparecesse. Maquiavel podia, ao menos, ter dado à *Contessa* uma hora para o encontro. No entanto, Ezio conhecia a paixão que Maquiavel tinha pela segurança. Iria sem dúvida estar no local definido todos os dias a intervalos regulares. Ezio não iria esperar durante muito tempo.

Ezio escolheu o seu caminho pelas ruas e becos degradados, correndo de volta para a escuridão das ombreiras sempre que passava uma patrulha dos Bórgia, facilmente reconhecível pelo uniforme roxo e amarelo.

Era meia-noite quando chegou novamente à estalagem. Deu um gole do frasco com o líquido escuro — era bom — e bateu na porta da estalagem com o copo da sua espada.



No dia seguinte, Ezio deixou a estalagem cedo. A sua ferida parecia estar dorida, mas as dores eram menos intensas e já conseguia usar o braço. Antes de sair, praticou alguns golpes com a Lâmina Escondida e percebeu que a conseguia usar sem dificuldades, bem como executar os movimentos mais convencionais de espada e punhal. Tinha tido sorte em o ombro atingido não ter sido o do braço da espada.

Incerto se os Bórgia e os seus parceiros Templários sabiam que ele tinha escapado com vida da batalha de Monteriggioni e, tendo em conta o elevado número de soldados armados com pistolas e vestidos com o uniforme roxo e amarelo dos Bórgia, tomou um caminho mais comprido para o Mausoléu de Augusto, estando o sol já alto quando lá chegou.

Havia menos pessoas por ali e, depois de ter estudado as redondezas para se assegurar que não havia guardas a observar o local, Ezio aproximou-se cautelosamente do edifício, esgueirando-se por entre uma porta destruída para o interior soturno.

À medida que os seus olhos se acostumavam à escuridão, conseguiu distinguir uma figura vestida de negro, encostada a uma saliência de pedra e imóvel como uma estátua. Olhou para os lados para se certificar que havia algum sítio para se esconder antes que a pessoa desse pela sua presença, mas, para além dos tufo de erva entre as pedras caídas das antigas ruínas romanas, não havia nada. Optou por outra solução e começou a mover-se rápida mas silenciosamente em direcção à escuridão das paredes do Mausoléu.

Era tarde demais. Quem quer que fosse tinha-o visto, provavelmente mal tinha entrado, revelado pela luz vinda da entrada, e vinha na sua direcção. À medida que se aproximava, Ezio reconheceu a figura de fato preto de Maquiavel, que colocou um dedo nos lábios enquanto se aproximava. Perdendo-lhe discretamente para o seguir, Maquiavel foi para uma zona mais profunda e escura da tumba do antigo Imperador Romano, construída há quase um milénio e meio antes.

Por fim parou e virou-se.

— Xiu — disse e, à espera, escutou com atenção.

— O que...?

— Baixa a voz. Fala muito baixo — repreendeu Maquiavel enquanto continuava a escutar.

Por fim relaxou.

— Muito bem — continuou. — Não há ninguém.

— O que queres dizer?

— César Bórgia tem olhos em todo o lado — Maquiavel descontraiu-se um pouco. — Fico contente por te ver aqui.

— Mas deixaste-me roupas na *Contessa*...

— Ela tinha indicações para olhar pela tua chegada a Roma — sorriu Maquiavel. — Oh, eu sabia que virias para cá assim que te certificasses que a tua mãe e irmã estavam seguras. Afinal, elas são os últimos da família Auditore.

— Não me agrada o teu tom — disse Ezio, refreando-se ligeiramente.

Maquiavel deixou escapar um sorriso amarelo.

— Não é altura para discrição, meu caro colega. Eu sei os remorsos que sentes pela família que perdeste, mesmo não tendo tu culpa nenhuma por essa grande traição — parou. — Espalharam-se pela cidade notícias sobre o ataque a Monteriggioni. Alguns de nós estávamos certos que tinhas lá morrido. Deixei as roupas com a nossa amiga de confiança porque te conheço melhor que isso, não te ias deixar matar numa altura tão importante, ou, em todo o caso, pelo sim, pelo não.

— Então ainda tens fé em mim?

Maquiavel encolheu os ombros.

— Enganaste-te. Uma vez. Isto porque, no fundo, o teu instinto é mostrar misericórdia e confiança. Isto são bons instintos. Mas agora temos de atacar, e atacar com força. Esperemos que os Templários nunca saibam que ainda estás vivo.

— Mas eles já devem saber.

— Não necessariamente. Os meus espiões dizem-me que houve muita confusão.

Ezio parou para pensar.

— Os nossos inimigos cedo vão descobrir que estou vivo, e bem. Contra quantos estamos a lutar?

— Oh, Ezio, a boa notícia é que encurtámos o leque. Acabámos com muitos Templários por toda Itália e em muitas das terras para lá das suas fronteiras. A má notícia é que os Templários e a família Bórgia são agora uma única e mesma coisa e irão lutar como um leão encurralado.

— Conta-me mais.

— Estamos demasiado isolados aqui. Temos de nos perder no meio das multidões do centro da cidade. Vamos à tourada.

— À tourada?

— César é um excelente toureiro. Afinal, ele é espanhol. Aliás, não é espanhol, mas sim catalão, e isso poderá funcionar em nosso favor um dia.

— Como?

— Os reis de Espanha querem unificar o seu país. São de Aragão e Castela. Os catalães são uma pedra no seu sapato, embora continuem a ser uma nação poderosa. Vamos e tem cuidado. Devemos usar ambos a habilidade de passarmos despercebidos que Paola te ensinou há tanto tempo atrás em Veneza. Espero que não te tenhas esquecido disso.

— Queres experimentar?

Andaram juntos pela cidade outrora imperial, agora meio arruinada, mantendo-se nas sombras e entrando e saindo pelo meio da multidão como um peixe que se esconde entre os juncos. Por fim, atingiram a praça de touros onde arranjaram lugares no lado mais caro, à sombra e com mais gente, e viram durante uma hora César e os seus homens de apoio a darem conta de três touros imponentes. Ezio observou a técnica de toureio de César. Ele usava os bandarilheiros e os picadores para amansar o animal antes de aplicar o *coup de grâce*, depois de uma grande quantidade de exibicionismo. Mas não havia dúvidas sobre a sua coragem e capacidade durante o sombrio ritual de morte, não obstante o facto de ter quatro matadores novos a apoiá-lo. Ezio olhou sobre o ombro na direcção do camarote do *Presidente* da tourada; ali, reconheceu a cara dura mas cativante e bela da irmã de César, Lucrecia. Seria imaginação sua ou tinha-a visto a morder o lábio até sangrar?

De qualquer forma, tinha descoberto algo sobre como César se comportava no campo de batalha e até que ponto se poderia confiar nele em qualquer tipo de combate.

Por todo o lado, guardas Bórgia vigiavam a multidão, tal como faziam pelas ruas, todos eles armados com aquelas novas armas com um ar mortífero.

— Leonardo... — disse involuntariamente, ao pensar no velho amigo. Maquiavel olhou para ele:

— Leonardo foi obrigado a trabalhar para César sob ameaça de morte e teria sido uma morte extremamente dolorosa. É um detalhe, um terrível detalhe, mas não deixa de ser um detalhe. O importante é que o seu coração não está com o seu novo amo, que nunca terá a inteligência ou a facilidade de controlar completamente a Maçã. Ou, pelo menos, espero que não tenha. Devemos ser pacientes. Vamos tê-la de volta e vamos ter Leonardo de volta com ela.

— Gostava de ter tanta certeza.

Maquiavel suspirou.

— Talvez tenhas razão em duvidar — disse por fim.

— Espanha apoderou-se de Itália — disse Ezio.

— Valência apoderou-se do Vaticano — replicou Maquiavel —, mas podemos mudar isso. Temos aliados no Colégio de Cardeais, alguns dos quais são poderosos. Não são todos marionetas. E César, apesar de toda a sua gabarolice, depende do seu pai Rodrigo para obter fundos — lançou a Ezio um olhar perspicaz. — É por isso que te devias ter certificado do destino deste Papa usurpador.

— Eu não sabia.

— A culpa é tanto minha como tua. Eu devia ter-te dito. Mas, como tu próprio disseste, é com o presente que temos de lidar, não com o passado.

— Ámen a isso.

— Ámen.

— Mas como conseguem eles pagar tudo isto? — perguntou Ezio enquanto mais um touro tropeçava e caía sob a espada certa e impiedosa de César.

— O *Papa Alexandre* é uma mistura estranha — respondeu Maquiavel. — Ele é um grande administrador e até fez algumas coisas boas para a Igreja, mas o seu lado malévolos derrota sempre o bom. Ele foi o tesoureiro do Vaticano durante anos e encontrou formas de acumular dinheiro; esta experiência colocou-o numa boa posição. Ele vende chapéus de cardeais, criando dezenas de cardeais garantidamente do seu lado. Até perdoou homicidas, desde que tivessem dinheiro suficiente para comprar a sua escapatória da força.

— Como justifica ele isso?

— É muito simples. Ele prega que é melhor um pecador viver e arrepender-se do que morrer e abdicar dessa dor.

Ezio não conseguiu deixar de rir, embora sem nenhuma alegria. O seu pensamento voltou às celebrações recentes que marcaram o ano de 1500: o Grande Ano do Meio Milénio. Era verdade que tinha havido pessoas a flagelar-se deambulando pelo país à espera do Julgamento Final; e não tinha o monge louco chamado Savonarola, que brevemente tinha tido controlo sobre a Maçã e fora ele próprio sido derrotado em Florença, sido enganado por essa superstição?

O ano de 1500 tinha sido um grande ano de Jubileu. Ezio recordava-se que milhares de peregrinos esperançosos tinham chegado à Santa Sé de todas as partes do mundo. O ano até tinha sido celebrado naqueles postos avançados que se encontravam para lá dos mares longínquos a oeste, nas Terras Novas descobertas por Colombo e, uns anos depois, Américo

Vespúcio, que tinha confirmado a sua existência. O dinheiro tinha corrido para Roma à medida que os fiéis traziam indulgências para se redimirem dos seus pecados antes que Cristo regressasse à Terra e julgasse os vivos e os mortos. Também tinha sido a altura em que César se tinha decidido em subjugar as cidades-estado de Romagna e em que o rei de França tinha tomado Milão, justificando as suas acções ao alegar ser o legítimo herdeiro, o bisneto de Gian Galeazzo Visconti.

O Papa fez, então, o seu filho César Capitão-General das Forças Pa-pais e *Gonfaloniere* da Santa Igreja Romana, numa enorme cerimónia na manhã do quarto Domingo de Quaresma. César foi recebido por rapazes com vestimentas de seda e quatro mil soldados que envergavam o seu uniforme pessoal. O seu triunfo parecia completo. No ano anterior, em Maio, tinha-se casado com Charlotte d'Albret, irmã de João, Rei de Navarra; e o Rei Luís de França, de quem os Bórgia eram aliados, tinha-lhe dado o ducado de Valência. Como já tinha sido Cardeal de Valência, não era de admirar que o povo lhe tivesse dado o cognome de Valentino.

Agora, esta víbora estava no auge do seu poder.

Como poderia Ezio alguma vez derrotá-lo?

Partilhou estes pensamentos com Maquiavel.

— No final de tudo, vamos usar a sua própria vaidade para os fazer cair — disse Nicolau. — Eles têm um calcanhar de Aquiles. Toda a gente tem um. Eu sei qual é o teu.

— E qual é? — repostou Ezio, abespinhado.

— Não é preciso dizer o nome dela. Tem cuidado com ela — acrescentou Maquiavel, mas depois mudou de assunto e continuou. — Lembra-te das orgias?

— Elas continuam?

— De facto, continuam. Rodrigo — recuso-me a chamá-lo de Papa outra vez — adora-as. E temos de lhe dar crédito, ele tem setenta anos — Maquiavel riu-se sarcasticamente, depois tornou-se subitamente mais sério. — Os Bórgia irão enterrar-se sob o peso do seu próprio hedonismo.

Ezio lembrava-se bem das orgias. Tinha testemunhado uma. Tinha havido um jantar, oferecido pelo Papa nos seus aposentos ao estilo de Nero, dourados, excessivamente decorados e com a presença de cinquenta das melhores prostitutas que havia na cidade. Cortesãs, gostavam elas de se intitular, mas continuavam a ser prostitutas. Quando acabou a refeição (ou deveria chamar-se ração?) as raparigas dançaram com os serviçais que estavam presentes. A princípio estavam vestidas, mas depois largaram as roupas. Os candelabros que tinham estado nas mesas foram postos no chão de mármore e os convidados mais nobres atiraram castanhas assadas uns aos outros. Então, mandaram as prostitutas rastejar pelo chão de mármore,

de quatro como o gado, com o rabo espetado no ar a apanhar as castanhas. Por essa altura, quase todos já se tinham juntado. Ezio lembrava-se com desagrado como Rodrigo, juntamente com César e Lucrecia, olhavam para aquilo. No final, foram dados prémios aos homens que tinham tido sexo mais vezes com as prostitutas a seus pés: capas de seda; finas botas em pele, vindas de Espanha, claro; bonés roxos e amarelos de veludo, incrustados com diamantes; anéis; pulseiras; bolsas em brocado com cem ducados cada; punhais; falos em prata; tudo o que se pudesse imaginar. E a família Bórgia, acariciando-se uns aos outros, tinha sido o juiz principal.

Os dois Assassinos abandonaram a tourada e tornaram-se invisíveis na multidão que enchia as ruas no início da tarde.

— Segue-me — disse Maquiavel, com rispidez na voz. — Agora que tiveste oportunidade de ver o teu principal adversário em acção, seria bom que comprasses qualquer equipamento que te faça falta. E toma cuidado para não chamares atenções indesejadas.

— Alguma vez fiz isso? — Ezio viu-se mais uma vez abespinhado pelos comentários do homem mais jovem que ele. Maquiavel não era o líder da Irmandade, ninguém era depois da morte de Mário, e este interregno teria que terminar em breve. — De qualquer forma tenho a minha Lâmina Oculta.

— E os guardas têm as suas armas. Estas coisas que Leonardo criou para eles, sabes que o seu génio não se controla, são rápidas de recarregar, como já viste, e mais, têm os canos limados por dentro para tornar o tiro mais certo.

— Vou procurar Leonardo e falar com ele.

— Pode ser que tenhas de o matar.

— Ele é-nos mais útil vivo que morto. Tu próprio disseste que o seu coração não estava com os Bórgia.

— Eu disse que essa é a minha esperança — Maquiavel parou. — Olha. Está aqui dinheiro.

— *Grazie* — disse Ezio, pegando na bolsa oferecida.

— Já que estás em dívida para comigo, ouve a voz da razão.

— Assim que ouvir mais razão de ti, é o que farei.

Ezio deixou o seu amigo e dirigiu-se para o bairro dos armeiros, onde arranjou uma nova armadura de peito, punhos de aço e uma espada e punhal mais equilibrados e de melhor qualidade que aqueles que tinha. Acima de tudo, sentia falta da antiga Braçadeira do Códice, feita de um metal secreto, que o tinha protegido contra tantos golpes que, de outra forma, teriam sido fatais. Mas era tarde demais para lamentações agora. Ele apenas teria que confiar nos seus sentidos e no seu treino. Ninguém nem nenhum acidente lhe poderia tirar isso.

Regressou a Maquiavel, que estava à sua espera na estalagem, o seu ponto de encontro previamente definido.

Encontrou-o com um humor irritável.

— *Bene* — disse Maquiavel. — Agora já consegues sobreviver à viagem de regresso a *Firenze*.

— Talvez. Mas não vou regressar a Florença.

— Não?

— Talvez tu deveses. É onde pertences. Eu já não tenho casa lá.

Maquiavel abriu as mãos:

— É verdade que a tua velha casa foi realmente destruída. Não te queria dizer. Mas certamente a tua mãe e irmã já estão lá em segurança. É uma cidade segura contra os Bórgia. O meu mestre, Piero Soderini, guarda-a bem. Podes recuperar lá.

Ezio tremeu ao ver os seus piores medos confirmados. Então, compôs-se e disse:

— Eu fico aqui. Tu próprio o disseste, não haverá paz até que nos revoltemos contra toda a família Bórgia e os Templários que os servem.

— Que conversa corajosa! E depois do que aconteceu em Monteriggioni.

— Isso é baixo para ti, Nicolau. Como poderia eu saber que eles me encontrariam tão rapidamente? Ou que matariam Mário?

Maquiavel falou abertamente, abraçando o companheiro:

— Ouve, Ezio, aconteça o que acontecer, devemos nos preparar cuidadosamente. Não podemos atacar com uma raiva precipitada. Estamos a lutar contra *scorpioni*, pior, serpentes! Eles podem enrolar-se à volta do teu pescoço e morder-te os tomates num só movimento. Não sabem nada sobre certo e errado, apenas conhecem o seu objectivo. Rodrigo rodeia-se de cobras e homicidas. Até a sua filha Lucrecia foi transformada numa das suas armas mais astuta. Ela sabe tudo o que há para saber sobre a arte de envenenamento — parou. — No entanto, ela não se compara a César.

— Ele outra vez.

— Ele é tão ambicioso, impiedoso e cruel que está para lá da tua imaginação, graças a Deus. As leis dos homens não significam nada para ele. Matou o próprio irmão, o Duque de Gandía, para poder rastejar até chegar ao poder absoluto. Não há nada que o faça parar.

— Eu acabo com ele.

— Só se não fores precipitado. Ele tem a Maçã, não te esqueças. Que Deus nos ajude se ele conseguir descobrir os seus poderes.

O pensamento de Ezio saltou nervosamente para Leonardo, que compreendia tão bem a Maçã...

— Ele não aceita perigo nem fadiga — continuou Maquiavel. — Aqueles que não caem pela sua espada aclamam-no para se juntarem às suas filei-

ras. As famílias poderosas dos Orsini e dos Colonna já se ajoelharam a seus pés e o rei Luís de França está a seu lado — Maquiavel parou novamente, pensativo. — Mas ao menos o Rei Luís só se manterá seu aliado enquanto ele lhe for útil...

— Tu sobrestimas o homem.

Maquiavel pareceu não o ouvir, estava perdido nos seus próprios pensamentos:

— O que pretende ele fazer com todo aquele poder e dinheiro? O que motiva o homem? Isso, eu continuo a não saber. Mas Ezio — acrescentou, ficando o olhar no amigo —, César tem em vista toda a Itália, e por este andar irá consegui-la.

Ezio hesitou, chocado.

— Isso é... *admiração* que oiço na tua voz?

A cara de Maquiavel estava estática.

— Ele sabe como exercer a sua vontade, uma virtude rara no mundo de hoje, e é o tipo de homem que poderá fazer vergar o mundo a essa vontade.

— O que queres dizer, ao certo?

— Apenas isto: as pessoas precisam de alguém para admirarem, adorarem até. Pode ser Deus ou Cristo, mas, melhor ainda é alguém que possam ver na realidade, e não apenas uma imagem. Seja Rodrigo, César ou mesmo um grande actor ou cantor, desde que se vistam bem e tenham confiança neles próprios. O resto segue-os logicamente — Maquiavel bebeu um pouco de vinho. — Faz parte de nós, entendes? Não te interessa a ti ou a mim ou a Leonardo, mas há pessoas lá fora que têm sede de serem seguidas e essas são as pessoas perigosas — acabou a bebida. — Felizmente, também podem ser manipulados por pessoas como eu.

— Ou destruídos por pessoas como eu.

Sentaram-se em silêncio durante um longo momento.

— Quem irá liderar os Assassinos, agora que Mário está morto? — perguntou Ezio.

— Que pergunta! Estamos desordenados e há poucos candidatos. É importante, claro, e a escolha será feita a seu tempo. Entretanto vamos. Temos trabalho a fazer.

— Levamos cavalos? Metade pode estar a cair aos bocados, mas Roma continua a ser uma cidade grande — sugeriu Ezio.

— É mais fácil falar que fazer. À medida que as conquistas de César na Romagna aumentam, ele já controla a maioria da região e os Bórgia crescem em poder, ficaram com as melhores partes da cidade para eles. Neste momento, estamos numa *rione* Bórgia. Não vamos arranjar cavalos nos estábulos daqui.



- Então a vontade dos Bórgia é a única lei aqui agora?
- Ezio, o que estás a sugerir? Que eu aprovo?
- Não te faças de parvo comigo, Nicolau.
- Eu não me faço de parvo com ninguém. Tens algum plano?
- Improvisamos.

Dirigiram-se para o local onde havia estábulos com cavalos para alugar, andando por ruas onde, Ezio reparou, muitas das lojas que deveriam estar abertas tinham os estores fechados. O que se passava? À medida que se aproximavam, mais numerosos e ameaçadores eram os guardas com fardas roxas e amarelas. Ezio reparou que Maquiavel estava a ficar cada vez mais nervoso.

Não demorou muito para que um sargento corpulento, à frente de mais ou menos uma dúzia de rufias fardados e com um ar duro, bloqueou a sua passagem.

- O que te traz aqui, amigo? — disse a Ezio.
- Altura de improvisar? — sussurrou Maquiavel.
- Queremos alugar cavalos — respondeu Ezio calmamente ao sargento.

O sargento soltou uma gargalhada:

- Aqui não, amigo. Segue caminho — apontou na direcção de onde eles tinham vindo.
- Não é permitido?
- Não.
- Porque não?

O sargento desembainhou a espada e os outros guardas imitaram-no. Colocou a ponta da sua lâmina contra o pescoço de Ezio e empurrou ligeiramente, até aparecer uma gota de sangue.

— Sabes o que a curiosidade fez ao gato, não sabes? Agora desaparece!

Num movimento quase imperceptível, Ezio fez sair a sua Lâmina Oculta e, com ela, cortou os tendões do pulso que segurava a espada, que caiu inutilizada no chão. Com um grande grito, o sargento tombou agarado à ferida. Ao mesmo tempo, Maquiavel saltou em frente e esartejou os três guardas mais próximos apenas num grande movimento. Todos eles recuaram, espantados com a súbita ousadia dos dois homens.

Ezio recolheu rapidamente a Lâmina Oculta e, num único movimento fluido, desembainhou a sua espada e punhal. As suas armas ficaram libertas e posicionadas mesmo a tempo de cortar os primeiros dois atacantes que, ao terem recuperado alguma da sua compostura, tinham avançado para vingar o seu sargento. Nenhum dos homens Bórgia tinha a capacidade com armas necessária para enfrentar Ezio ou Maquiavel. O treino dos Assassinos estava numa categoria totalmente diferente. Ainda assim, os nú-

meros estavam contra os dois aliados, que estavam em larga minoria. No entanto, a ferocidade inesperada do seu ataque foi suficiente para lhes dar uma inabalável vantagem.

Tomados quase totalmente de surpresa e desabitutados a perderem qualquer confronto, a dúzia de homens foi rapidamente limpa. Mas a agitação da escaramuça tinha dado o alarme e vinham rapidamente mais soldados Bórgia; mais de duas dúzias ao todo. Maquiavel e Ezio estavam quase assoberbados pela mera desvantagem numérica e pelo esforço de enfrentar tantos de uma vez só. Os floreados de estilo de que eram capazes foram postos de lado em prol de um estilo de esgrima mais rápido e mais eficiente; bastava a técnica da morte em três segundos com um único golpe. Os dois homens mantiveram a sua posição com uma determinação séria na sua face até que finalmente os seus inimigos ou tinham fugido, ou estavam caídos, feridos, mortos ou a morrer, aos seus pés.

— Temos de nos despachar — disse Maquiavel, respirando profundamente. — Só porque enviámos alguns carrascos Bórgia para o Criador não significa que tenhamos acesso aos seus estábulos. As pessoas normais continuam com medo. É por isso que a maioria deles nem abre as suas lojas.

— Tens razão — concordou Ezio. — Precisamos de lhes enviar um sinal. Espera aqui.

Ardia um fogo num braseiro ali perto. Do meio, Ezio agarrou num ferro em brasa, depois saltou para a parede do estábulo onde esvoaçava na brisa ligeira a bandeira dos Bórgia com o touro preto num campo dourado. Ezio ateou-lhe fogo e, enquanto ardia, uma ou duas lojas abriram cautelosamente as portas, tal como os portões dos estábulos.

— Assim está melhor! — gritou Ezio. Virou-se para se dirigir à multidão pequena mas receosa que se tinha juntado. — Não tenham medo dos Bórgia. Não sejam servos deles. Os seus dias estão contados e a hora de acertar contas chegou.

Chegaram mais pessoas, aumentando o aplauso.

— Eles vão voltar — disse Maquiavel.

— Sim, vão, mas mostrámos a estas pessoas que eles não são os tiranos todo-poderosos que acreditavam ser.

Ezio saltou do muro para o pátio do estábulo, onde Maquiavel se juntou a ele. Escolheram rapidamente duas montadas robustas e selaram-nas.

— Iremos voltar — prometeu Ezio ao chefe da estrebaria. — Podem tornar este sítio mais limpo, agora que vos pertence de novo, como é de direito.

— É o que faremos, Senhor — disse o homem. Mas continuava com um ar de medo.

— Não te preocupes. Eles não vos irão fazer mal agora que os viram vencidos.

— Porque diz isso, Senhor?

— Eles precisam de vós. Não fazem nada sem vós. Basta mostrarem-lhes que não deixam que vos reprimam nem abusem de vocês e eles terão que vos venerar para que vocês os ajudem.

— Eles enforcam-nos, ou pior.

— Querem passar o resto das vossas vidas sob o jugo deles? Enfrentem-nos. Eles terão que ouvir pedidos razoáveis. Nem os tiranos funcionam se houver pessoas suficientes a recusarem obedecer-lhes.

Maquiavel, já no seu cavalo, abriu um pequeno caderno preto e escreveu nele, sorrindo distraído para si mesmo. Ezio saltou para cima da sela.

— Julgava que tinhas dito que estávamos com pressa — disse Ezio.

— E estamos. Estava apenas a tomar nota do que disseste.

— Suponho que deva sentir-me lisonjeado por isso.

— Oh, sim, debes. Vamos.

— Tu és excelente a abrir feridas, Ezio — continuou Maquiavel enquanto cavalgavam. — Mas também consegues fechá-las?

— Tenciono curar a doença que está no coração da nossa sociedade e não apenas brincar com os sintomas.

— São palavras ousadas. Mas não tens de discutir comigo, estamos do mesmo lado, não te esqueças. Estou apenas a colocar um outro ponto de vista.

— Isto é um teste? — Ezio estava desconfiado. — Se sim, vamos falar abertamente. Eu acredito que a morte de Rodrigo Bórgia não teria resolvido o nosso problema.

— A sério?

— Bom, quer dizer, olha para esta cidade. Roma é o centro do domínio Bórgia e dos Templários. O que acabei de dizer ao chefe da cavaliçã é verdade. Matar Rodrigo não muda as coisas. Se cortarmos a cabeça de um homem, ele morre, com certeza. Mas estamos a lidar com uma Hidra.

— Entendo o que queres dizer. É como o monstro de sete cabeças que Hércules tinha de matar. E mesmo assim, as cabeças voltaram a crescer até que ele descobriu o truque para isso deixar de acontecer.

— Precisamente.

— Então, sugeres que façamos um apelo às pessoas?

— Talvez. Que outro modo há?

— Desculpa-me, Ezio, mas as pessoas são voláteis. Confiar nelas é como construir na areia.

— Não concordo, Nicolau. Certamente a nossa fé na humanidade está no centro do Credo dos Assassinos.

— E isso é algo que tencionas testar?

Ezio estava prestes a responder mas, nesse instante, um jovem ladrão

correu ao seu lado e, com a sua faca, cortou com rapidez e mestria os atilhos de couro que prendiam a bolsa do dinheiro ao cinto de Ezio.

— Mas que...! — gritou Ezio.

Maquiavel ria-se.

— Ele deve vir do teu círculo interno. Olha para ele a correr! Deves tê-lo treinado pessoalmente. Vá, vai buscar aquilo que ele te roubou. Precisamos desse dinheiro. Encontramo-nos no Campidoglio, no Capitolino.

Ezio virou o seu cavalo e galopou em perseguição do ladrão. O homem corria por becos demasiados estreitos para o cavalo e Ezio tinha que dar a volta, preocupado em não perder a sua presa mas ao mesmo tempo sabendo que, para seu descontentamento, o homem seria certamente mais rápido a pé do que ele. Era quase como se o homem tivesse algum treino Assassino. Mas como poderia isso acontecer?

Finalmente encurralou o homem num beco sem saída e usou o corpo do cavalo para o encostar contra a parede do beco.

— Devolve-a — disse num tom neutro, desembainhando a espada.

O homem parecia continuar empenhado em fugir, mas quando viu o quão desesperada era a sua situação, o seu corpo amoleceu e, calado, levantou a mão que segurava a bolsa. Ezio puxou-a de volta e guardou-a em segurança. Mas, ao fazê-lo, deixou o seu cavalo mexer-se um pouco para trás e, num piscar de olhos, o homem tinha trepado a parede com uma velocidade extraordinária e desapareceu para o outro lado.

— Ei! Volta aqui! Ainda não terminei contigo! — gritava Ezio, mas tudo o que obteve em resposta foi o som cada vez mais distante de pés a correr. Suspirou e, ignorando a pequena multidão que se tinha juntado, conduziu o cavalo na direcção da colina do Capitólio.

A noite estava a cair quando ele se juntou de novo a Maquiavel.

— Retiraste o teu dinheiro ao nosso amigo?

— Sim.

— Uma pequena vitória.

— Elas somam-se — disse Ezio. — E, a seu tempo e com trabalho, teremos umas quantas mais.

— Vamos esperar que as consigamos antes que o olhar de César recaia sobre nós e nos quebre outra vez. Ele quase o conseguiu em Monteriggioni. Agora vamos avançar com as coisas — Maquiavel picou o cavalo.

— Onde vamos?

— Para o Coliseu. Temos um encontro com um contacto meu, Vinício.

— E...?

— Espero que ele tenha algo para mim. Vamos.

Enquanto cavalgavam pela cidade na direcção do Coliseu, Maquiavel

comentou secamente os vários edifícios novos que tinham sido edificadas pelo Papa Alexandre VI durante a sua administração.

— Olha para estas fachadas, a fingir que são edifícios governamentais. Rodrigo é muito esperto na forma como mantém este sítio a funcionar. Engana os teus amigos, o “povo” com facilidade.

— Quando ficaste tão cínico?

Maquiavel sorriu. Não estou a ser cínico de todo. Estou apenas a descrever Roma como ela é hoje em dia. Mas tens razão, Ezio, talvez eu seja um pouco amargo demais, demasiado negativo às vezes. Talvez nem tudo esteja perdido. A boa notícia é que temos aliados na cidade. Vais conhecê-los. E o Colégio de Cardeais não está completamente sob o domínio de Rodrigo, por muito que ele assim o quisesse, embora esteja quase...

— O que está quase?

— O nosso sucesso final.

— Só podemos tentar. Desistir é a forma mais certa de falhar.

— Quem falou em desistir?

Cavalgaram em silêncio até terem atingido o amontoado soturno do Coliseu arruinado, um edifício sobre o qual, para Ezio, ainda pairavam as memórias dos horrores dos Jogos que tinham decorrido ali mil anos antes.

A sua atenção virou-se de imediato para um grupo de guardas Bórgia com um mensageiro Papal. Com as espadas desembainhadas, os espigões apontados ameaçadoramente e empunhando tochas flamejantes, estavam a empurrar um homem pequeno com um ar assustado.

— Merda! Disse Maquiavel suavemente. — É Vinício. Eles apanharam-no primeiro.

Silenciosamente, os dois homens abrandaram os cavalos e aproximaram-se do grupo com o máximo cuidado de forma a ganharem o maior elemento de surpresa possível. À medida que se aproximavam, percebiam bocados da conversa.

— O que trazes aí? — perguntava um guarda.

— Nada.

— Estás a tentar roubar correspondência oficial do Vaticano, é?

— *Perdonatemi, signore*. Deve estar enganado.

— Não há nenhum erro, seu ladrãozeco — disse um outro guarda, espetando o homem com o seu espigão.

— Estás a trabalhar para quem, *ladro*?

— Ninguém.

— Ótimo, então ninguém se vai importar com o que te possa acontecer.

— Já ouvi o suficiente — disse Maquiavel. — Temos de salvá-lo e obter a carta que ele traz.

— Carta?

— Anda!

Maquiavel apertou os calcanhares nos flancos da montada e o cavalo surpreso disparou em frente enquanto Maquiavel puxou as rédeas com força. O animal retrocedeu, deu pontapés descontrolados com as patas da frente que bateram na testa do guarda Bórgia mais próximo, abaulando o seu capacete para dentro do crânio. O homem caiu como uma pedra. Entretanto, Maquiavel tinha girado para a sua direita, dobrando-se baixo na sua sela. Ao chegar abaixo, cortou violentamente o ombro do guarda que ameaçava Vinício. O homem largou o seu espigão instantaneamente e caiu com as dores que atingiam o ombro. Ezio instigou a sua montada em frente, saltando sobre mais dois guardas e usando o copo da sua espada para atacar fatalmente a cabeça do primeiro homem e atingir o segundo nos olhos com a parte larga da sua lâmina. Faltava mais um guarda. Este, distraído pelo ataque súbito, não reparou que Vinício tinha agarrado o cabo do seu espigão e sentiu-se subitamente puxado para a frente. O punhal de Vinício esperava por ele e trespassou a garganta do homem. Este caiu com um som de gargarejo repugnante à medida que os seus pulmões se enchiam de sangue. Mais uma vez, o elemento de surpresa deu a vantagem aos Assassinos. Claramente, os soldados Bórgia não estavam habituados a uma resistência às suas agressões tão eficazes. Vinício não desperdiçou tempo e apontou para a via principal que desembocava na praça central. Era possível ver um cavalo a galopar para longe da praça; o mensageiro apertava com força os estribos para apressar a montada.

— Dá-me a carta. Rápido! — ordenou Maquiavel.

— Mas eu não a tenho, é ele que a tem — clamou Vinício, apontando para o cavalo em fuga. — Eles tiraram-na.

— Vai atrás dele! — gritou Maquiavel a Ezio. — Custe o que custar, apanha aquela carta e leva-ma às *Terme di Diocleziano* à meia-noite. Vou estar à espera.

Ezio cavalgou em sua perseguição.

Era mais fácil do que tinha sido apanhar o ladrão. O cavalo de Ezio era melhor que o do mensageiro e o homem que perseguia não era um lutador. Ezio tirou-o do cavalo com facilidade. Não queria matar o homem, mas não se podia dar ao luxo de o soltar e deixá-lo dar o alarme.

— *Requiescat in Pace* — disse suavemente ao cortar a sua garganta. Meteu a carta por abrir na sua bolsa do cinto e atou a rédea do cavalo por forma a levar a montada do mensageiro consigo. Virou então a sua própria montada e dirigiu-se para as ruínas das Termas de Diocleciano.

Já estava quase totalmente escuro, excepto junto às ocasionais tochas montadas em abrigos cavados nas paredes. Para chegar às termas, Ezio tinha de atravessar um vasto campo de terras ermas e, a meio caminho, o

seu cavalo empinou-se e recusou-se a avançar com medo. O outro cavalo imitou-o e Ezio não tinha mãos a medir a tentar acalmá-los. Subitamente, um som de enregelar o sangue chegou aos seus ouvidos, como um uivo de lobos e, no entanto, não exactamente igual. Talvez fosse pior. Soava mais a vozes humanas a imitarem animais. Virou o seu cavalo na escuridão, soltando o nó das rédeas do outro cavalo. Uma vez solto, o cavalo do mensageiro virou-se e galopou em fuga pela noite. Ezio desejou que o cavalo encontrasse o caminho para casa intacto.

Não havia muito tempo para reflectir sobre isso pois tinha chegado às termas desertas. Maquiavel ainda não tinha chegado; sem dúvida que tinha ido mais uma vez numa das suas misteriosas missões privadas pela cidade, mas então...

Por entre os tufos e moitas de erva que tinham crescido sobre os resquícios da antiga cidade romana, surgiram figuras que o rodearam. Eram pessoas com um ar selvagem que não se assemelhavam em nada a seres humanos na aparência. Estavam de pé, mas tinham orelhas compridas, focinhos, garras e caudas, e estavam cobertos de pêlo cinzento e áspero. Os seus olhos pareciam ter um brilho vermelho. Ezio respirou fundo: que raio seriam estas criaturas demoníacas? O seu olhar dirigiu-se rapidamente para as ruínas à sua volta; ele estava rodeado de, pelo menos, uma dúzia destes lobisomens. Ezio desembainhou a espada mais uma vez. Este não estava a ser um dos seus melhores dias.

Com rosnares e uivos semelhantes aos de lobos, as criaturas saltaram sobre ele. À medida que se aproximavam, Ezio podia ver que eram realmente homens como ele, apenas aparentemente loucos, como criaturas numa espécie de transe sagrado. As suas armas eram longas e afiadas presas em aço, firmemente cosidas nas pontas de luvas pesadas e, com isto, golpeavam as pernas de Ezio e os flancos do seu cavalo, na tentativa de o derrubar.

Ezio conseguiu mantê-los à distância com a sua espada e, como os seus disfarces pareciam não ter nenhuma cota de malha ou outro tipo de protecção debaixo das peles de lobo, conseguiu feri-los com a ponta afiada da sua espada. Decepeu o braço de uma das criaturas pelo cotovelo e esta escapuliu-se na escuridão, entre gemidos horríveis. As estranhas criaturas pareciam ser mais agressivas que hábeis e as suas armas não estavam à altura da ponta da lâmina instantânea de Ezio. Avançou com facilidade, rachando ao meio a cabeça de um e furando o olho esquerdo de um terceiro. Ambos os lobisomens caíram naquele instante, mortalmente feridos pelos golpes de Ezio. Por esta altura, os outros lobisomens pareciam ter dúvidas em continuar o seu ataque, misturando-se com a escuridão ou fugindo para dentro de buracos e cavernas formadas pelas ruínas cheias de vegetação que rodeavam as termas. Ezio perseguiu-os, lacerando a coxa de um

dos seus supostos atacantes, enquanto um outro caiu debaixo dos cascos do seu cavalo e partiu as costas. Ao atingir um sexto, Ezio inclinou-se para baixo e, virando-se de costelas, esventrou o homem de tal forma que as suas entranhas caíram para o chão e ele tropeçou nelas ao cair morto.

Por fim, estava tudo silencioso.

Ezio acalmou o seu cavalo e levantou-se nos estribos, forçando os olhos a penetrar na escuridão e os ouvidos a captar sinais que os olhos não conseguiam ver. Nesse momento, pensou que conseguia distinguir o som de uma respiração cansada não muito longe, embora não se visse nada. Incitou o cavalo para andar a passo e dirigiu-se suavemente na direcção do barulho.

Parecia vir da escuridão de uma gruta pouco profunda, criada pelos arbustos que caíam de uma arcada desmoronada e infestada de insectos e ervas daninhas. Após desmontar e atar o cavalo firmemente a um toco de uma árvore, esfregou a lâmina da espada com terra para não brilhar e revelar a sua posição e seguiu cuidadosamente em frente. Durante um breve instante, pensou ter visto a luz de uma chama nas entranhas da caverna.

Ao avançar lentamente, voavam morcegos sobre a sua cabeça e pela noite dentro. Aquele sítio fedia a dejectos deles. Insectos invisíveis e, sem dúvida, outras criaturas faziam barulho e fugiam dele. Ezio amaldiçoava-as pelo barulho que faziam, pois parecia-lhe tão alto como um trovão. Mas a emboscada, se havia alguma, ainda não tinha surgido.

Então voltou a ver a chama e ouviu o que podia jurar ter sido um soluçar vago. Reparou que a caverna era mais profunda do que sugeria a arcada desmoronada, que o seu corredor se curvava ligeiramente e que, ao mesmo tempo, ficava mais estreito, o que o tornava mais escuro ainda. Ao contornar a curva, os pontos de luz da chama que tinha visto anteriormente transformavam-se agora num pequeno fogo, sob a luz do qual Ezio conseguia distinguir uma figura arqueada.

O ar era ligeiramente mais fresco aqui. Devia haver alguma passagem de ar no tecto que ele não conseguia ver. Seria por isso que o fogo conseguia arder. Ezio ficou imóvel e observou.

A soluçar, a criatura esticou uma mão esquerda magra e esquelética e puxou uma ponta de uma barra de ferro que estava espetada no fogo. A outra ponta estava vermelha, em brasa e, a tremer, a criatura tirou-a do fogo, preparou-se, encostou a ponta ao coto sangrento que era o seu outro braço e conteve um grito enquanto o fazia, na tentativa de cauterizar a ferida.

Era o lobisomem que Ezio tinha desmembrado.

No momento em que a atenção do lobisomem estava centrada na sua dor e no trabalho que tinha em mãos, Ezio apressou-se em avançar. Quase foi demasiado tarde, pois a criatura era rápida e quase se escapava, mas Ezio



apertou o punho firmemente à volta do braço bom da criatura. Era difícil, pois o membro estava escorregadio de gordura e o fedor que a criatura largava ao mexer-se era quase insuportável, mas Ezio segurou-a com firmeza. Após recuperar o fôlego e pontapear a barra de ferro para longe, Ezio disse:

— Mas que merda és tu?

— Urgh — foi a única resposta que obteve. Ezio bofeteou o homem com força na cabeça com o seu outro punho, que ainda estava calçado com uma luva de cota de malha. O homem começou a jorrar sangue perto do seu olho esquerdo e gemia com dores.

— O que és tu? Fala!

— Ergh — a sua boca aberta exibia um conjunto de dentes partidos e acinzentados e o cheiro que vinha dela fazia com que o bafo de uma prostituta bêbada parecesse maravilhoso.

— Fala! — Ezio espetou a ponta da espada no coto e torceu-a. Não tinha tempo para gastar com este resquício de pessoa. Estava preocupado com o seu cavalo.

— Aargh! — mais um grito de dor, depois uma voz rouca, quase incompreensível, emergiu do meio dos grunhidos inarticulados a falar um italiano correcto. — Sou seguidor da *Secta Luporum*.

— A Seita dos Lobos? Que diabo é isso?

— Irás descobrir. Aquilo que fizeste esta noite...

— Oh, cala-te. — Apertando a mão, Ezio agitou o lume para obter mais luz e olhar em volta. Agora via que estava numa espécie de câmara em cúpula, talvez escavada deliberadamente. Havia pouca coisa ali, à excepção de duas cadeiras e uma mesa grosseira com uma mão-cheia de papéis sobre ela, seguros por uma pedra.

— Os meus irmãos vão regressar em breve, e aí...

Ezio arrastou-o para a mesa, apontando com a sua espada para os papéis. E estes? O que são estes?

O homem olhou para ele e cuspiu. Ezio colocou novamente a ponta da espada perto do coto ensanguentado.

— Não! — chorou o homem. — Outra vez não!

— Então diz-me — Ezio olhou para os papéis. Chegaria o momento em que teria que pousar a espada, por muito breve que fosse, para pegar neles. Parte do que estava escrito era em Italiano, outra parte em Latim, mas havia outros símbolos que se pareciam com escrita, mas que ele não conseguia decifrar.

Então ouviu um barulho na direcção de onde ele tinha vindo. Os olhos do lobisomem brilharam.

— São segredos nossos — disse.

No mesmo instante, mais duas das criaturas saltaram para dentro do

espaço, a rugir e a arranhar o ar com as suas garras metálicas. O prisioneiro de Ezio libertou-se e ter-se-ia juntado a eles se Ezio não lhe tivesse decepado a cabeça dos ombros, enviando-a a rebolar na direcção dos seus inimigos.

A luz da fogueira diminuiu. A chama precisava de ser novamente remediada; ou isso ou mais combustível. Os olhos de Ezio esforçavam-se para distinguir os dois lobisomens restantes. Eram como sombras cinzentas no quarto. Ezio recuou de volta para a escuridão, meteu os papéis na sua túnica e esperou.

Os lobisomens podiam ter a força dos tresloucados, mas não podiam ser muito hábeis, excepto talvez na arte de assustar as pessoas de morte. Com toda a certeza não conseguiam manter-se calados ou mover-se silenciosamente. Utilizando os ouvidos mais do que os olhos, Ezio conseguiu passar à sua volta, encostado às paredes, até saber que estava atrás deles enquanto eles pensavam que ainda estava algures na escuridão à sua frente.

Não havia tempo a perder. Embainhou a espada, soltou a sua Lâmina Oculta, aproximou-se, silencioso como um lobo a sério, atrás de um deles e, segurando-o firmemente por detrás, cortou a sua garganta. Morreu instantânea e silenciosamente, e Ezio pousou o corpo calmamente no chão. Ponderou em tentar capturar o outro, mas não havia tempo para interrogatórios. Poderia haver outros e Ezio não tinha a certeza de possuir as forças suficientes para lutar mais. Consequia sentir o pânico do outro homem, que se confirmou quando este abandonou a imitação e chamou ansiosamente para o meio da escuridão silenciosa:

— Sandro?

Então, foi simples localizá-lo e, mais uma vez, a garganta exposta era o alvo desejado de Ezio. No entanto, desta vez o homem virou-se sobre si próprio, rasgando freneticamente o ar em frente de si com as garras. Consequia ver Ezio, mas Ezio lembrava-se que estas criaturas não usavam cotas de malha debaixo das vestimentas vistosas. Recolheu a Lâmina Oculta e, com o seu punhal mais largo e menos subtil, que tinha a vantagem de possuir um gume serrilhado, abriu o peito do homem. O coração e pulmões expostos brilhavam contra a luz ténue da chama e o último lobisomem caiu para a frente, com a cara no fogo. Um cheiro de cabelos e pele queimados ameaçou avassalar Ezio, mas deu um salto para trás e dirigiu-se o mais rapidamente possível, lutando contra o pânico, para o acolhedor ar nocturno no exterior.

Uma vez lá fora, viu que os lobisomens não tinham tocado no seu cavalo. Talvez tivessem tanta certeza que o tinham encurralado que não se preocuparam em matá-lo ou afugenta-lo. Saltou-o e apercebeu-se que estava a tremer demasiado para montar. Em vez disso, pegou nas rédeas e conduziu o cavalo de volta às Termas de Diocleciano. Era bom que Maquiavel estivesse lá e era bom que estivesse bem armado. Por Deus, se ao menos

ainda tivesse a sua arma do Códice, ou uma daquelas coisas que Leonardo tinha fabricado para o seu novo amo. Ao menos Ezio tinha a satisfação de saber que ainda conseguia ganhar lutas através do seu discernimento e do seu treino, duas coisas de que não lhe conseguiriam privar até ao dia em que o apanhassem e o torturassem até à morte.

Manteve-se totalmente alerta durante a curta viagem de volta às termas e apercebeu-se de ocasionalmente começar a olhar para as sombras, algo que não lhe acontecia quando era mais novo. Pensar que iria chegar em segurança não lhe trazia descanso. E se lá houvesse outra emboscada à sua espera? E se estas criaturas tivessem surpreendido Maquiavel? Saberia Maquiavel da existência da *Secta Luporum*?

Afinal onde ficavam as lealdades de Maquiavel?

Chegou em segurança às escuras e vastas ruínas, um memorial à idade perdida quando Itália governava o mundo. Não havia sinais de vida que ele pudesse ver, então, o próprio Maquiavel surgiu de trás de uma oliveira e cumprimentou-o sobriamente.

— Porque demoraste?

— Estava cá antes de ti. Mas depois... distraí-me — Ezio olhou para o colega calmamente.

— O que queres dizer?

— Uns brincalhões com vestimentos vistosos. É-te familiar?

Pelo olhar de Maquiavel, estava interessado

— Vestidos como lobos?

— Então sabes quem são.

— Sim.

— Então porque sugeriste este local como ponto de encontro?

— Estás a insinuar que eu...?

— Que mais devo eu pensar?

— Caro Ezio — Maquiavel deu um passo em frente —, asseguro-te, pela santidade do nosso Credo, que não fazia ideia que eles estariam aqui — parou. — Mas tens razão. Procurei um ponto de encontro que fosse remoto dos outros, não me apercebendo que eles também poderiam escolher um sítio destes.

— A não ser que tivessem sido alertados.

— Se estás a pôr em causa a minha honra...

Ezio fez um gesto de impaciência.

— Oh, esquece — disse. — Temos mais que fazer sem discutirmos um com o outro — na verdade, Ezio sabia que, de momento, teria que confiar em Maquiavel. E, até ali, não tinha motivos para não o fazer. No entanto, de futuro iria manter o seu jogo mais escondido. — Quem são eles? O que são eles?

— A Seita dos Lobos. Às vezes intitulam-se de Seguidores de Rómulo.  
— Não nos deveríamos afastar daqui? Consegui agarrar alguns papéis deles e talvez voltem para os recuperar.

— Primeiro diz-me se conseguiste recuperar a carta e diz-me rapidamente que mais te aconteceu. Pareces ter vindo da guerra — disse Maquiavel.

Depois de Ezio ter falado, o seu amigo sorriu.

— Duvido que eles voltem esta noite. Somos dois homens treinados e armados e, ao que parece, deste-lhes uma verdadeira sova. Mas só isso seria suficiente para irritar César. Sabes, embora haja poucas provas por enquanto, pensamos que estas criaturas trabalham para os Bórgia. São um bando de falsos pagãos que têm vindo a aterrorizar a cidade há meses.

— Com que fim?

Maquiavel abriu as mãos.

— Político. Propaganda. A ideia é que as pessoas sejam encorajadas a se entregarem à protecção do Papado e, em troca, é-lhes extraída alguma lealdade.

— Que conveniente. Mas mesmo assim, não deveríamos sair daqui agora? — Ezio sentiu-se súbita e previsivelmente cansado. Até a alma lhe doía.

— Eles não irão regressar esta noite. Sem descrédito para as tuas capacidades, Ezio, mas os lobisomens não são lutadores ou mesmo assassinos. Os Bórgia usam-nos como intermediários de confiança, mas o seu trabalho principal é assustar. São almas pobres e iludidas a quem os Bórgia fizeram uma lavagem cerebral para trabalharem para eles. Acreditam que os seus novos amos os vão ajudar a reconstruir a Roma antiga a partir dos seus primórdios. Os fundadores de Roma foram Rómulo e Remo e quando eram bebés foram amamentados por uma loba.

— Eu recordo-me da lenda.

— Para os lobisomens, pobres criaturas, não é lenda. Mas são uma ferramenta suficientemente perigosa nas mãos dos Bórgia — parou brevemente. — Agora, a carta! E esses papéis que dizes ter tirado da toca dos lobos. Muito bem, por falar nisso.

— Se servirem para alguma coisa.

— Veremos. Dá-me a carta.

— Aqui está.

Apressadamente, Maquiavel quebrou o selo no pergaminho.

— *Cazzo* — murmurou. — Está encriptada.

— O que queres dizer?

— Era suposto estar em texto normal. Vinício é, ou foi, um dos meus infiltrados entre os Bórgia. Ele tinha-me garantido isso. Que palerma! Es-